



Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR

Fundada em 1899

Preços por assinatura.

Para os socios e subscritores da Academia de Estudos Livres:

2 annos	100 réis
6 "	300 "
12 "	600 "

Avulsos:

2 annos	250 réis
6 "	500 "
12 "	1000 "

Numero unico - 100 réis

SUMARIO

Cartas insubmissas	pag. 3
Questões pedagógicas:	
Inspeção medica escolar	pag. 7
A educação popular na Góllia	» 8
O ensino post-escolar	» 9
Uma festa escolar russiniana	» 10
Portugal e a Republica Argentina	» 13
Conferencias e palestras:	
A Lua	» 22
O jurí em Portugal	» 42

Excursões e visitas:	
A evolução da estatua decorativa portugueza	pag. 48
Curso de historia universal	» 51
Uma sessão literaria	» 52
Sociedade de Estudos Pedagógicos	» 54
Biografias:	
Centenario de Lincoln	pag. 55
Bibliografia	» 63
Contos da minha terra:	
Um professor atropelado	pag. 64

Director, proprietario e editor—ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES

Rua da Paz, 7 e 5, Beato—LISBOA

LAMAS & FRANKLIN
R. LIVRAMENTO, 48, 60—LISBOA

1912



Movimento de aulas

—
Ano lectivo de 1911-1912
—

Frequencia das aulas diurnas:

Escola maternal	70 alunos
Aulas primarias (4 classes)	130 "
Total	200 "

O ensino está a cargo de 5 professoras diplomadas, uma professora de desenho e pintura, um professor de musica e um professor de gymnastica.

Funciona desde janeiro, para os alumnos das aulas diurnas, uma cantina escolar.

—
Nas aulas nocturnas acha-se matriculado o seguinte numero de alumnos:

Portuguez	54 alumnos
Francez	98 "
Inglez	52 "
Matematica elementar	16 "
Contabilidade	51 "
Desenho	43 "
Admissao à Escola Normal	17 "
Instrução primaria	80 "
Typographia	12 "
Gymnastica	5 "
Rudimentos	25 "
Musica { Piano	40 "
Violino	7 "
Total	467 "

ANAIS DA

Academia de Estudos Livres

UNIVERSIDADE POPULAR

Fundada em 1889

Director, proprietario e editor—ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES (Universidade Popular)

Rua da Paz, 7 e 8, Bento—LISBOA

Composição e Impressão—TYPOGRAPHIA LIBERTY—Rua do Lavramento, 36 e 38

2.^a SERIE

NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1912

N.^o 1 E 2

AO PUBLICO

Começa hoje a publicação da 2.^a Serie dos Anais da Academia de Estudos Livres.

Não temos programma a expôr, porque a ideia que nos impulsiona está bem visivel em toda a vida da nossa associação.

O alvo é — a educação do povo. De todos os meios legitimos usaremos aqui para conseguir este fim.

Os Anais servirão para registar todos os trabalhos dos nossos colaboradores, conferentes e professores e justificarão assim, pela excelencia da obra efectuada, a existencia deste nucleo, que desde 1889 vem lutando a fim de conseguir fazer vingar o seu ideal.

Um dos pontos de que mais nos ocuparemos é a historia da Academia de Estudos Livres. No arquivo temos elementos para esboçar o quadro da nossa actividade associativa a partir de

1897. Mas desde 1889 a 1897 a carencia de documentos é, infelizmente, quasi completa. Por tal razão torna-se muito difficil reconstituir a nossa historia durante esse periodo.

Seria tambem curioso estudar as causas que produziram o esmorecimento dos trabalhos entre 1894 e 1897 e ainda o motivo por que neste anno a Academia resurgiu para a vida publica.

Quem escreve estas linhas tomou parte activa no facto e por isso o seu depoimento despertará a curiosidade das cousas vividas, quando houver de ser apresentado.

Na exposiçào dos trabalhos da Academia poderíamos seguir a ordem chronologica. Pensámos em tal, mas depois assentámos em que se apresentasse primeiro a resenha sucinta dos trabalhos realizados e se fossem publicando depois, pouco a pouco, aquelles que tivessem uma feição mais interessante e oportuna. Este processo permitirá mostrar ao publico que muitas iniciais, hoje apresentadas como originaes, são velhas d'alguns annos.

Dadas estas ligeiras explicações, resta-nos só meter mãos á obra.

Antes, porém, seja-nos permittido evocar a benevolencia do leitor e pedir-lhe que nos esclareça sempre que parecamos afastar-nos do bom caminho. Como a obra não é de polemica nem de politica, todas as indicações serão bem recebidas, porque sa- por-se-ha sempre que não vem inçadas de má vontade ou de seclarismo.

CARTAS INSUBMISSAS

I

De coração acompanhei em tempos a tão nobre, tão digna, tão conviacente campanha de Brito Camacho na *Lueta* a favor do mais bello movimento de almas que neste paiz de conselheiros se fez, — o movimento dos academicos, e senti que nem a chamada grande imprensa, nem a pretendida opinião, houvessem tomado nella o seu posto de combate, quando tal gesto nem sequer lhes acarretaria grandes perigos, porque essa decantada intransigencia das camadas officiaes cairia desfeita no dia em que uma forte corrente, que aliás existia mas não se impôz, se resolvesse a fazê-lo, com energia e homogeneidade.

E note-se que nem teria sido preciso recorrer aos grandes golpes e apenas bastaria manter o fogo sagrado da resistencia severa e digna, e disciplinar convenientemente as energias mais ou menos divergentes dos varios luctadores no objectivo a conseguir, o qual não podia ser outro senão elevar o ensino superior em Portugal ao nivel que as exigencias da civilisação contemporanea lhe determinam e que em especial o estado fragmentario e lamentavel da cultura portugueza instantemente reclamava e ainda reclama.

Como conseguir isto? Se os cavalheiros que tinham a felicidade de ser paes, houvessem, antes de redigirem aquellas circulares de uma doutrina algo discutivel e de uma pedagogia muito contestavel, salvo o devido respeito, reflectido previamente nesse outro problema de salvaguardar a dignidade dos filhos e de ao mesmo tempo concorrerem para o levantamento do espirito publico, tão abatido por constantes espectaculos de depressão moral e de abandalhamento civico patentes aos nossos olhos e vindos de quasi todos os pontos do nosso horizonte social, parece-me que com facilidade se lembrariam de uma solução mais racional e mais levantada, a qual solução vinha a ser, quanto a mim, a de se terem associado para, durante o interregno do funciona-

mento das aulas, poderem proporcionar aos estudantes em grêve a frequencia de cursos livres de ensino experimental e pratico, ministrado por uma forma pouco diffundida ainda entre nós, apesar das excepções que podem apontar-se, como seria a visita ás fabricas e officinas que por ahí já existem, aos museus e collecções que mais ou menos tambem de todo não faltam, as viagens economicas, em pequenos grupos, a pontos do paiz que são fonte constante de observações e de estudo, finalmente a audição de conferencias sobre assumptos ou motivos mais ou menos transcendentés, mas de valor pedagogico e de utilidade social indiscutíveis — para o que de certo encontrariam, fóra até das respectivas escolas officiaes, autenticas competencias que sem duvida se prestariam a realisa-las.

Finalmente, de entre os paes associados, aquelles que pela sua situação de fortuna podessem te-lo feito, quotisar-se-iam para á sua custa trazerem a Lisboa e ao Porto algum ou alguns d'esses grandes professores da Italia, da França ou da Allemanha, que em lingua franceza, hoje de uso e conhecimento geraes, viessem expôr á mocidade escolar da nossa terra, o fructo do trabalho e do estudo contemporaneo, que, n'esses paizes, é uma realidade ao alcance de todos.

Aqui tinham suas excellencias uma maneira, entre varias, de evitarem que os rapazes se desvinculassem dos habitos do estudo e perdessem o amor da sciencia, ao mesmo tempo que veriam como o verdadeiro merito se impõe sem necessidades de livro de ponto, de frequencia obrigada, de empertigadas formulas e de obsoletas e vexatorias imposições . . .

Depois, ou a Universidade que não obstante os defeitos que todos, até os leigos, lhe apontavam, representa ainda uma formidavel machina a actuar sobre a nação e com a qual quer queiramos ou não, temos de defrontar-nos, em presença d'esse movimento novo no genero, espontaneamente capitulava, reformando-se ella propria (conforme veiu a succeder mais tarde) e entrava como um corpo vivo no conflicto moderno das idéas e dos factos; ou abdicava da sua funcção de dirigente e geratriz da consciencia nacional e competiria aos poderes do Estado pronunciarem então a sentença definitiva, libertando o ensino portuguez de elementos que longe de o nobilitarem o perturbam e isso conseguia-se esta-

hebecendo a concorrência. Refiro-me, é claro, á faculdade de direito, causadora unica de tudo isto.

Quanto propriamente á chamada questão de disciplina, desde que os desmandos havidos nobremente haviam sido repellidos pela collectividade dos discentes, e casos esporadicos e incidentes parciais não poderão nunca inquinar de infâmia uma causa que nos seus fundamentos era generosa e alta, ainda eu teria comprehendido o impulso dos paes se, collectivamente, por todas as fórmulas sem excluir mesmo a solicitação, mas partindo só d'elles, tivessem procurado levar o famigerado conselho dos decanos, o claustro pleno, o governo, a decretar a natural e completa amnistia para um acto filiado em tantos e tão complicados *motivos* psychologicos, pedagogicos e sociaes que de longe, muito longe vinham, de tão longe que se fossemos a destrinça-los todos, com certeza nos davam em resultante um culpado unico e impenitente — a propria Universidade: pelo seu ensino, pelo seu fóro, pelo seu conservantismo, e, sobrelevando a tudo, pelas taras de caracter vario com que inquinou o organismo portuguez, tantas d'ellas pesando já hoje como um estigma no nosso destino social, mesmo depois d'uma revolução politica, outras havendo alastrado por todo o nosso ser, mercê da fatalidade das chamadas leis imitativas, a ponto que existindo originariamente bachareis, apenas em Coimbra, nós ao presente estamos todos mais ou menos bacharelóides e como tal muito ócos, muito palavrosos, muito fadhos, no caracter e no espirito, fóra portanto das realidades da existencia equilibrada e digna que lá fóra faz as nações e dignifica os homens.

Agora, volvidos annos sobre tudo quanto occorreu, nenhuma vantagem haveria em apurar as responsabilidades dos factos, porque ellas não redundariam em desfavor dos accusados de então, antes pelo contrario caberiam integras aos accusadores.

Como, porém, até para uma parte d'estes deve admittir-se uma sensível dôse de inconsciencia, de automatismo, de inevitavel prevenção — a prevenção que dá o determinado funcionamento de certas cellulas predominantes e veem a constituir a chamada *préga professional*, acho eu que o mais logico, o mais sensato, o mais humano, teria sido o deixarmo-nos todos de proceder ao respectivo balanço de culpas e culpados, e esquecer, esquecer amplamente, fazendo, porém, que a mentalidade que fosse cla-

masla a intervir na resolução honrada d'esta malfadada ordem de questões, não fosse nunca nem a mentalidade de um policia nem a mentalidade de um manhoso . . .

Depois se veria o que restava realizar para que taes anormalidades nunca mais podessem dar-se, e então ainda os paes teriam simultaneamente com governos e com professores, um papel a desempenhar, visto serem os contribuintes e fornecerem ao mesmo tempo os fillos para o ensino e o dinheiro para os mestres, e este papel estava naturalmente indicado que se cifrava no seguinte: exigirem que esse ensino fosse serio e esses mestres competentes; que nos chamados templos do saber os officiantes mostrassem realmente o amor do sacerdocio, e que terminadas as sessões de estudo e de trabalho, em que docentes e docendos, formariam uma só familia, não fossem uns politizar e outros descategorisar-se, diluindo na atmosphera contaminada da rua e dos logares equivocos, as energias que os campos de tennis e de bola, as salas dos orpheons ou de leitura, os recintos de natação ou de esgrima, deveriam cultivar e fortalecer . . .

Ahi se encontrava portanto mais um terreno, e vasto, onde suas excellencias poderiam ter fraternizado á vontade, produzindo então obra util, obra educativa, obra conciliadora.

Desde que assim não intervieram, teria sido preferivel deixar as coisas seguirem o seu caminho, pois é sempre opportuno que as circumstancias extremem os campos, mostrando-nos quem são, n'uma sociedade, — no caso sujeito, na sociedade portugueza — os que entretêm ou desenvolvem o cultivo d'essa damninha planta que se chama o egoismo, com todas as suas consequencias deletérias, e os que n'uma conjunctura difficil e n'uma hora angustiosa, que pôde de novo soar quando menos se espere, devem considerar-se os verdadeiros depositarios d'aquellas sagradas virtudes que enaltecem as consciencias e retemperam as vontades, e se chamam ainda na lingua dos homens o amor do sacrificio, o espirito da concordia e o dever da solidariedade.

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

Inspecção medica escolar

Como tive occasião de dizer por motivo da ultima e simpatica festa desta Academia, a escola moderna tem um papel social incomparavelmente mais largo que a escola do passado: hoje exige-se-lhe que, não só instrua os seus discipulos, como os prepare completamente para a vida moderna; ora como por efeito desta se está produzindo uma degenerescencia cada vez maior das raças, é absolutamente necessario opor-lhe uma acção persistente que tenha por fim contrabalançar aquella acção nociva sob pena de vermos a civilisação prejudicar-se a si mesma e de perversmos a melhor parte com que ella deve contribuir para o bem estar e perfectibilidade humanas. Todas as sociedades tem fundamentalmente o instinto da conservação, que as leva a pôr-se em guarda contra os elementos deletérios e os de valor nullo, revelando-se de varias formas; de entre todas a mais humana, a mais scientifica, a mais progressiva, consiste evidentemente em prevenir as decadencias fisicas e moraes que ameaçam a vitalidade das raças; é este papel, importante ao maximo, que incumbe aos educadores, responsabilidade pesadissima por certo que os vem collocar ainda mais nas avancadas dos elementos primaciaes e basilares de toda a sociedade bem constituída. A inspecção medica escolar tem, por isso mesmo, um alcance muitissimo maior do que qualquer outra instituição similar que o Estado se tem visto na necessidade de constituir como por exemplo o corpo de medicos destinados a proteger a saude do soldado, do operario, etc. Se todos estes elementos são valiosos, a creança é-o muito mais porque os abrange a todos e nela está o futuro das nacionalidades.

Mas, dir-se-ha, até aqui tem-se passado sem isso. É certo,

mas o argumento não colhe. Apesar de não haver estatísticas, pode afiançar-se que o mal é cada vez maior, a ponto tal que actualmente o estado das gerações novas deve inspirar serios cuidados a todos aqueles que pensam no futuro; as investigações feitas em paizes diversos em centos de milhares de creanças deram unanimemente o mesmo resultado; por toda a parte se verifica uma tendencia maior ou menor para as taras mais variadas. Os povos ricos e inteligentes, conscios da enorme importancia dum tal perigo, lançaram-se resolutamente á luta em grande escala para debelar o flagelo. As nações pequenas, se não quizerem vêr-se absorvidas, teem de entrar no mesmo caminho, porque se trata de salvar nada menos que as energias que lhes hão de ser imprescindiveis no futuro para realizarem os seus planos de progresso, para se dignificarem, para se imporem material e moralmente á consideração e respeito universaes.

MORAES MANCHEGO

A educação popular na Galicia (Poleónia)

O progresso do ensino post-escolar acentua-se rapidamente na Galicia.

Á frente deste movimento encontra-se a Universidade Popular Adão Mickiewicz que possui em todo o paiz secções locais. A obra, baseada na cooperação intima dos seus associados, tornou-se um centro poderoso de educação etica-social.

O seu ponto de mira é a educação moral e social, ao lado da educação intelectual.

Considerando que a educação não se faz profunda e realmente senão pela acção, esta Universidade tende a tornar-se a obra dos proprios ouvintes, creada não só *para eles* como *por eles*.

Empregam-se esforços portanto para estabelecer entre os trabalhadores intellectuaes e manuaes laços que criem, de mais em mais, centros novos de cultura.

Muitas secções são dirigidas no momento actual por operarios e homens do campo. Conseguiu-se alcançar o concurso de diversos agrupamentos e sindicatos operarios.

O relatório publicado recentemente acusa a existência de 1883 cursos com 275.487 ouvintes.

O ensino tem um caracter puramente scientifico e vulgarizador com exclusão de todas as discussões politicas.

A municipalidade de Cracovia dá á Universidade um subsídio de 1.500 coróas.

Além dos cursos e das conferencias, organisam-se excursões ethnograficas e artisticas, concertos, festas populares, etc. A Universidade tem uma biblioteca publica em Cracovia e bibliotecas circulantes, que permitem divulgar por todo o paiz os conhecimentos scientificos. Acabam de ser creados arquivos sociaes e pedagogicos.

Os aspectos diversos da questão post-escolar são estudados em reuniões, onde se faz a educação mutua sem esquecer a investigação de novos metodos, que correspondam ás aspirações da democracia moderna. Neste momento a Universidade construe em Cracovia uma Casa do Povo.

Eis a interessante noticia que encontramos na revista *Les documents du Progrès*. Crêmos que será lida com curiosidade por quem se deslique á causa da educação popular.

O ensino post-escolar

É este um dos problemas mais interessantes que se oferecem á nossa consideração. Temos já crendo, *no papel*, o ensino primario superior que de alguma forma prenderia ao estudo os rapazes que saem aos 12 annos da escola primaria e vão fatalmente perder o que aprenderam (se não ingressam nos liceus e escassos institutos tecnicos) na frequencia das ruas e officinas ou n'esses pseudo-escritorios commerciaes, onde se explora ignobilmente o trabalho do praticante e se criam insubmissos e revoltados.

Se o problema entre nós é grave, não deixa tambem de atrair as atenções de paizes muito mais adelantados.

Temos á vista um recente artigo de Mauricio Braibant, em que este deputado francez advoga para o seu paiz o ensino profissional post-escolar obrigatorio.

Abona-se o articulista na crise que atravessa a industria franceza, levada de vencida pelos alemães mercê duma formidavel organisação do ensino tecnico. Só em Berlim, afirma ele, mais de 32.000 alunos seguem pontualmente, e obrigatoriamente, os cursos post-escolares.

Na Austria existiam, em 1911, 2.520 estabelecimentos de instrucção profissional, frequentados por 270.588 alunos. Destes estabelecimentos, 1.234 são escolas industriaes de aperfeiçoamento para rapazes e 1.045 escolas industriaes e *méuagères* para meninas.

Entre nós, desta ultima especie — a escola *méuagère* — nem uma existe atualmente para exemplo.

Pede com instancia o seu estabelecimento no populoso bairro de Alcantara o illustre director da Escola Industrial Marquez de Pombal, sr. Marquez Leitão, um dos raros homens que entre nós dedicam a sua existencia á causa do ensino profissional.

No entanto enxameiam por essas ruas da capital bandos de creanças do povo, ociosas e fumintas... Quantas vocações, quantos talentos se perdem assim para o trabalho util, de que necessita a nossa terra para valorisar-se e elevar-se ao nivel dos povos cultos!

Uma festa escolar ruskiniana

Um dos maiores homens do século XIX foi John Ruskin. As suas theorias estéticas, que revolucionaram a Inglaterra, creando o *pre-rafaelismo* na Arte e na Industria a restauração dos antigos processos de tecelagem, continuam ainda hoje o seu caminho — alargando indefinidamente uma influencia sã e reconfortante. John Ruskin, se não é um moderno Francisco de Assis, revela contudo na contemplação da *natureza* algum tanto do estado d'alma do genial asceta e precursor da Renascença.

Assunto é este, porém, alheio ao objeto d'esta pequena noticia, em que apenas pretende vulgarisar-se o conhecimento dum caso particular da influencia ruskiniana.

Traduzimos do livro de Robert de la Sizeranne — *Ruskin et la religion de la Beauté* :

«A propaganda ruskiniana em prol dos costumes pitorescos e das festas simbolicas dos bons tempos antigos não sossobrou tão completamente como se poderia acreditar. Qualquer pessoa que passasse em Chelsea no 1.º de maio, deante do collegio de meninas de Whitelands, e obtivesse licença para entrar, veria a capela e o *hall* cobertos de flores, de flores enviadas pelas antigas alunas, de todos os pontos da Inglaterra.

É que n'aquelle dia festeja-se a volta da Primavera. As cento e cinquenta alunas reunidas no *hall* elegeram por escrutinio secreto a *Rainha de Maio*. A vencedora foi escolhida, não pela sua beleza, não pela sua sciencia, mas porque soube fazer-se amar.

Eil-a que aparece. As suas condiscipulas abrem alas e estendem palmas, que formam uma abobada sob a qual a *Rainha de Maio* passa. Está coroadada de flores, vestida de um traje archaico desenhado por Kate Greenway, e adornada por uma cruz de ouro desenhada por Burne-Jones. Atrás segue a rainha do anno passado — coroadada sómente por miosotis. Depois *Ela* sôbe ao seu throno e todas as donzelas desfiliam por deante — saudando-a e recebendo das suas mãos presentes — que são as obras de Ruskin ricamente encadernadas. Parece que se ouvem murmurar a todas essas flores juntas as palavras que estão ali, nas folhas de *Sésamo e os Lisés*: «Quer o saibaes ou não, deveis ter thronos todas em bastantes corações e uma corôa que nunca se depõe. Rainhas deveis ser sempre, rainhas para vossos noivos, rainhas para vossos maridos e vossos filhos; rainhas de um mais alto misterio para o mundo abaixo de vós, que se inclina e inclinará sempre deante da corôa de mirto e do scetro sem mancha da mulher. É pouco dizer de uma mulher *que não destrôe as flores que pisa*: é preciso que ela as reanime! As campanulas devem, não humilha-rem-se quando ella passa, mas florirem. . . »

Os premios não são distribuidos em virtude d'um concurso, porque o Mestre tem horror das competências. A *Rainha* dispõe d'elles soberanamente. Esta terá um premio «porque é fiel às suas

amigas»; aquella «porque gosta de musica»; est'outra «porque está sempre alegre»; aquel'outra «porque a Rainha gosta muito d'ela». E é particularmente interessante, diz uma testemunha, ver o sorriso de reconhecimento da Rainha, quando uma amiga preferida lhe beija as mãos ao receber o seu livro.

De manhã, canticos na capela precederam — como homenagem ao rei da Eternidade — estas homenagens à rainha d'um dia. E à noite, se aquella que recebeu como premio o *Ruskin Birthday Book* o abriu na pagina do 1.º de Maio, não encontrará como nos jornaes, que na mesma occasião se aprogoam nas ruas, noticias da *grève* universal, recriminações contra a lei do trabalho de cada dia, mas estas palavras do Mestre: «Se cumprirmos resolutamente o Dever, com o tempo chegaremos a amal-o».

Pouco representa sem duvida este pequeno protesto contra a unanime indiferença e a fealdade universal. Mas as discipulas deste pensionato destinam-se ao ensino; e mais de uma já estabeleceu na sua escola de aldeia a festa estética de Ruskin. As flores da corôa emurebeceram; as sementes da ideia germinam ainda dez annos depois, até na Irlanda. E hoje, quando volta o 1.º de Maio, o quadro que se apresenta a todas essas imaginações, não é o dum *meeting* enfumaçado em que homens calvos, pedantes e cheios de rancor, gritam aos trabalhadores de todos os paizes: «Unide-vos e não trabalhae!» — uma scena como o quadro da *Sala Graffard* de Béraud; é uma visão de paz, de alegria e de belos vestuarios; é a predica, não dos doutores socialistas, mas da natureza, cujas primicias são devidas ao longo, penoso e obscuro trabalho da planta durante o inverno. Ela ensina-lhes, não a *grève*, mas o trabalho, não a revolta contra as leis humanas, mas a obediencia ás leis eternas, que podemos desconhecer, mas não podemos violar.»

Portugal e a Republica Argentina

Uma festa de solidariedade infantil

A Academia de Estudos Livres acaba de prestar um grande serviço ao paiz, promovendo uma impressionante festa de solidariedade infantil e assim concorrendo para que o nome do nosso querido Portugal fosse saudado calorosamente na grande Republica Argentina.

Narremos o acontecimento:

Em abril e maio d'este ano, o ilustre escritor sr. Abel Botelho, nosso ministro na Republica Argentina, publicou na *Lucta* alguns artigos sobre a organização do ensino naquele florescente paiz.

Num desses artigos, em 1 de maio, descrevia a visita que fez à *Escola Cornelio Saavedra*, de *Buenos Aires* e a recepção comovente que ali tivera. E finalisava assim o brilhantissimo artigo:

«Tenho que terminar, por hoje, e vou fazê-lo referindo um episodio galante, que no meu paiz não pôde deixar de despertar a mais comovida e grata simpatia. Visitava eu a escola *Cornelio Saavedra*, e no decurso do meu exame, subi naturalmente, acompanhado pelo director e pelo amavel inspector geral, sr. Reyes Salinas, do pateo ao primeiro andar. Pois quando, passado tempo, descemos, eu tive a grata surpresa de ver que tinha sido traçada muito bem a giz por um aluno num dos quadros pretos do pateo, uma lira com uma corôa de louros, e, ao lado, estes amaveis dizeres:

Los alumnos de la Escuela «Cornelio Saavedra» saludan al sr. ministro de Portugal y por su intermedio a los niños de su noble nación, que heroicamente se incorporó a la vida republicana el 5 de Octubre.

«Com o mais rico prazer aqui transmito aos meus pequeninos compatriotas a encantadora saudação.»

Nunca o sr. Abel Botelho pensou que a enternecedora scena tivesse um eco de simpatia em Portugal. Mas teve-o, felizmente.

Um rapazinho da nossa Escola Marquez de Pombal, José Lopes, ouviu ler ao pae o artigo citado. No outro dia veio para a escola contar o que se passara a uns companheiros, declarando que pensava em mandar uma lembrança aos meninos da Argentina. Discutiram o caso a seu modo e assentaram em que a lembrança seria uma fita para a bandeira da *Escola Cornelio Saavedra*. Mas era preciso dinheiro e a *subscrição* rendeu apenas alguns vintens . . .

Estavam já desanimados, quando um se lembrou de ir ter com o director da Academia, sr. Bernardino Cardoso, e expôr-lhe o caso . . .

O projeto dos rapazinhos foi calorosamente acolhido e levado á execução, mercê d'uma *quete* que os mesmos e algumas meninas da Escola Marquez de Pombal, constituídos todos em comissão, fizeram entre as creanças que assistiram no Teatro da Trindade á festa realizada em 8 de maio em favor do cofre da nossa Academia. O rendimento desta *quete*, junto á subscrição dos pequenos, produziu a quantia de 10\$000 réis. Foi o professor, sr. Agostinho Fortes, quem, n'uma conferencia brilhante realizada naquele Teatro na noite do beneficio, communicou ao publico esta comovente acção dos pequeninos, que assim começavam a dar brilhante conta do seu caracter.

Registamos aqui os nomes das creanças que fizeram a *quete* e trabalharam para levar á pratica tão linda ideia. Eram elles :

José Lopes, o iniciador
Jacob Israel Tangi
Raul José da Silva Santos
Carlos João Seabra
Virgilio Ferreira
Maria José de Souza
Maria Iréne Costa

O laço para a bandeira da *Escola Cornelio Saavedra* foi comprado, o sr. Ribeiro Christino pintou numa das fitas a formosa silhueta da Torre de Belém, glorioso símbolo da era das descobertas, e o sr. David Caeiro gravou primorosamente a ouro a dedicatória.

A artística lembrança, encerrada n'uma caixa oferecida pelas esluandas do Azilo de Santo Antonio, foi enviada ao sr. Abel Botelho, a fim de lhe dar o devido destino.

E' a este facto que se refere a seguinte carta do illustre ministro portuguez dirigida á direcção :

**Buenos Aires 29 agosto 1912.*

Recebi em 10 do corrente a apreciadissima carta de v., mas o laço apenas agora, no meu regresso de Montevideo. Chegou perfeitamente, e é lindo, em tudo digno da encantadora e consovente ideia que lhe deu origem.

O dr. Ramos Mejia, director do Conselho Nacional de Instrucção, ficou entusiasmado, quando eu lhe comuniquei a boa nova, e eu sinto-me verdadeiramente feliz por haver, sem eu tal pensar, sugerido este belo gesto infantil, em que tão limpidamente se revelam as qualidades cavalheirosas e amoráveis da nossa raça.

O Conselho Nacional de Instrucção quer que a entrega do laço seja feita com toda a solemnidade. Isto não poderá ser, porém, senão em fins de setembro proximo, porque tenho que partir já para o Paraguai, onde devo demorar-me em serviço official uns vinte dias. Telegrafarei a v. quando a solemnidade se realizar e depois lhe enviarei o relato dos jornaes. Entretanto, em nome do dr. Mejia e do meu, peço que agradeça muito reconhecido ás creanças da Escola Marquez de Pombal e em especial ao galante iniciador de ideia tão linda.

(a) Abel Botelho.

O laço foi já entregue, em sessão solene realisada em 14 de outubro ultimo, conforme participa o sr. Abel Botelho na seguinte carta enviada á direcção :

Buenos Aires, 15 de outubro de 1912.

Ex.^{mo} Sr. Director, Presado amigo

Tenho o grande prazer de lhe comunicar que a festa da entrega do laço, realizada hontem, foi de véras emocionante. Neste correio lhe envio tres exemplares de cada um dos melhores jornaes d'aquí—La Prensa e La Nación—que hoje se referiram ao assunto. Devo dizer-lhe que La Nación é o jornal aqui mais bem conceituado nos centros politicos e sociais. Dos ternos calorosos em que ele dá a noticia, melhor poderá v. avaliar da alta significação que teve o acto, mormente sabendo-se que os argentinos são em geral parcios em adjetivos e comedidos.

Eu tive realmente uma satisfação e um orgulho enorme em ouvir aqui, nesta nação alliea e forte, o himno nacional portuguez entoado em coro, na letra original, por centenas dos seus pequenos filhos. Como v. verá do extracto do meu discurso, eu, ao ofertar o laço, expliquei a sua significação simbólica. Depois, fui o aluno do 6.^o grau, Victoriano Redal, quem, ao terminar de falar, cingiu o laço á bandeira da Escola. E este acto produzia um delírio.

E' proveel que alguma revista ilustrada d'aquí publique fotografias do acto. Enciar-lh'as-hei. E, em cambio, peço a v. a fineza de me enviar tambem o que de mais importante sobre o caso publicarem os jornaes d'aquí.

Devo dizer-lhe que o Consejo Nacional d'Education é como que a Direcção Geral da Instrucção Publica, d'aquí; que o presidente não assistiu por se achar bastante doente com uma nefrite; e que o relato official e completo da cerimonia será publicado no Boletim do Consejo o qual tambem lhe enviarei.

Felicito-me e felicito a **Escola Marquez de Pom-
bal** por tão auspicioso exito. E envio uma calorosa saudação especial ao pequenino aluno em cuja alma entusiasta germinou tão bela idéa.

(a) Abel Botelho.

A seguir publicamos os documentos que nos foram enviados: programa da festa infantil e relato do jornal *La Nación*.

Os amigos da Academia de Estudos Livres fôrão assim uma ideia do que foi a solenidade e compreenderão melhor a alta significação patriótica do acto realizado. As nações pequenas impõem-se por estas manifestações de alta civilização.

A Academia de Estudos Livres saúda fraternalmente a nação sul-americana, a gloriosa Republica Argentina, fazendo votos pela sua prosperidade e crescente grandeza. E envia um affectuoso abraço ao seu bom amigo Abel Botelho, o distinto escritor e Ministro de Portugal naquello grande país. Bem haja quem tão brilhantemente sabe honrar o nome da Patria!

C PROGRAMA DA FESTA

Homenaje de los Niños de Lisboa á los alumnos de la Escuela «Cornelio Saavedra»

Buenos Aires, Octubre de 1912.

Acto escolar que por disposición del Consejo Nacional de Educación, se realizará el 14 del corriente á las 10 a. m., con motivo de la entrega del lazo con que los alumnos de la Escuela «Marquez Pombal» obsequian á la Escuela «C. Saavedra» por intermedio del Ex.^{mo} Señor Ministro de Portugal.

Programa

- | | |
|--|--------------------------------------|
| 1. ^o a) Hymno nacional | } coro por los alumnos de la Escuela |
| b) Hymno Republicano Portugués | |
| 2. ^o Discurso del Sr. Ministro de Portugal coronel Abel Botelho. | |
| 3. ^o Discurso del Sr. Vice Presidente del C. N. de Educación dr. Pastor Lacasa. | |
| 4. ^o Saludo á la Bandera (Coto). | |
| 5. ^o Palabras del niño de 6. ^o grado Victoriano Bedal. | |
| 6. ^o Canción de la Bandera (Opera Aurora de Panizza) Coro. | |
| 7. ^o Desfile entonado Mi Bandera. | |

La Nación, n.º 14855 — Buenos Aires — Martes, 15 de octubre de 1912: Na Escola Cornelio Saavedra — As crianças de Lisboa — Festa de confraternidade infantil.

«Servindo-se de uma homenagem infantil, significativamente

simpatica pela ingenuidade da sua forma simbolica, a Republica de Portugal estreitou ontem com o nosso paiz os laços da confraternidade que a ela nos unem. O ministro da republica amiga, coronel Abel Botelho, foi, não só o intermediario da mensagem das creanças de Lisboa ás creanças argentinas, concretizada numa significativa oferta á nossa bandeira, como tambem o interprete eloquente dos sentimentos que ali, na formosa capital lusitana, nasceram para a nossa republica com a gloria da era republicana. A prenda simbolica foi um laço com as côres da bandeira de Portugal e a dedicatoria fraternal das creanças de Lisboa ás creanças argentinas, apresentando pintada numa das fitas a Torre de Belem — tradicional origem das gloriosas tradições daquele paiz. O entusiasmo com que as mil creanças da Escola «Cornelio Saavedra» saudaram a entrega deste simbolo, repercutiu ontem mesmo, transmitido pelo telegrafo, na alma dos que tiveram a gentil inspiração de enviá-lo. Talvez contribuisse para tornar tão ardente, tão espontaneo, tão desusado esse entusiasmo em que decorreu a festa a propria simplicidade estetica da demonstração infantil e, sem duvida, tambem o facto auspicioso, de que pela primeira vez se ouvia na America num acto publico o hino republicano portuguez, cantado em côro por cem creanças argentinas, e a cujas ardentes e animosas notas acompanha uma letra não menos admiravel.

A organização do acto, ordenado pelo Conselho Nacional de Educação, foi entregue á direcção da Escola «Cornelio Saavedra», cujas creanças eram directamente obsequiadas pelas da Escola Marquez de Pombal, de Lisboa. No grande pateo da escola, coberto com um grande toldo e adornado de bandeiras entrelaçadas de ambas as republicas, achavam-se reunidas ás dez horas da manhã, mais de mil creanças. Estavam tambem presentes o presidente interino do Conselho de Educação, dr. Pastor Lacasa, que acompanhou o ministro de Portugal; outros altos funcionarios do conselho, varios inspetores seccionaes, todo o pessoal docente do estabelecimento, numerosos convidados e delegações das escolas «Presidente Quintana», «Carlos Tejedor», «Alberti», «Esteban de Luca», «Narciso Laprida», «Mariano Moreno», escolas n.º 13, 8 e 6 do conselho escolar n.º 70.

Começou o acto pelo hino escolar argentino cantado p

mais de cem crianças da Escola Cornelio Saavedra. Ao extinguirem-se os aplausos que saudaram a canção nacional, o professor Frederico Bacci tocou ao piano a musica do hino portuguez, cujos versos foram cantados pelas mesmas crianças no original lusitano. A ultima parte do côro, que no *arreglo* do professor Bacci se repete tres vezes, é tão bela e sonora, que arrançou uma ovação entusiastica. O ministro de Portugal manifestou-se satisfeitissimo pelo grande carinho com que havia sido estudado o hino do seu paiz.

A seguir usou da palavra. Começou dizendo que as comovedoras impressões que conserva da sua primeira visita á Escola Cornelio Saavedra lhe haviam inspirado varias vezes o desejo de voltar a visitá-la; nunca tinha, porém, imaginado que esta segunda visita viesse a realizar-se nas brilhantes e inolvidaveis condições que rodeavam aquela solenidade. A largou-se em eloquentes considerações sobre o significado da oferta que entregava comovido, enviada do outro continente por milhares de ingenuas almas ás almas das crianças argentinas. Recordou o eco simpatico que havia despertado a saudação enviada pelas crianças argentinas ás escolas primarias de Portugal, porque tinha sido esse um adoravel gesto infantil a cuja expressão cristalina, vibrando num ambiente de ideal pureza, com suas azas candidas, por cima do oceano, devia necessariamente fazer lembrar uma manifestação idêntica aos seus pequenos compatriotas. Haviam-no estes encarregado da retribuição calorosa e amiga. Tinha-se realizado assim, entre as duas escolas Cornelio Saavedra e Marquez de Pombal, o cruzamento de uma corrente de sensibilidade afectiva e ardente, dessa sensibilidade que é a mais alta faculdade humana, o impulso popular de todos os grandes movimentos sociaes, a fôrça de todos os grandes progressos, sensibilidade que é a grande senhora do mundo e o privilegio deslumbrante, admiravel, eterno, da raça latina. Considerava-se verdadeiramente feliz por ser o interprete de tão auspicioso movimento e considerava um titulo de gloria o contribuir para a realização de tão belo acto de confraternidade entre as escolas argentinas e portuguezas, em que muitas «saudades» se trocam com efusão juvenil, cruzando-se altis e livres no espaço, limpidas como agua pura dos montes, sonoras como os innocentes risos infantis, rosadas e frescas como dois beijos da aurora.

Falando da oferta, disse o coronel Botelho que ela era pobre na sua materialidade; mas que os dois símbolos que figuravam no laço eram as duas côres da Republica Portugueza, as duas côres redentoras que são a afirmação sem apelo da emancipação social e politica da sua patria.

Evocou em seguida, referindo-se á Torre de Belem pintada na fita, a era epica dos descobrimentos, as figuras de Gama, de Colombo e de Cabral, «que com a alma cheia de sonho partiram para desvendar o vago, o desconhecido, para sondar o misterio tentador das aguas, para resgatar para a sciencia, para a verdade e para a luz a Asia, a Oceania, a America e tantas extensões interminaveis por sobre as quaes, naqueles tempos, Espanha e Portugal estenderam os braços.

São aquelas paginas eternas de uma mesma historia—acrescentou—rastos palpitanes de uma vida commum. A grandeza de ambas as tradições emparelha-se. E a patria de Camões e de Pombal—disse—era digna de irmanar-se agora com o berço de Mitre e de Sarmiento.

Falou depois da educação na Republica Argentina, elogiando-a, sobretudo pelo amplo espirito que a inspira, que está de acordo com as tendencias modernas, as quaes não põem de lado o patriotismo, antes o conciliam com a comunidade espiritual dos povos.

Ao terminar o seu discurso, como quasi a cada parographo, o ministro de Portugal foi imensamente aplaudido. E quando fez entrega do laço ás creanças, houve delirantes aclamações a Portugal e á Argentina, levantando-se calorosos vivas.

O laço foi cingido á haste de uma bandeira argentina, que foi passeada em triumpho enquanto as creanças cantavam num côro vibrante uma canção alusiva.

A seguir usou da palavra o presidente interino do Conselho de Educação, Dr. Lacasa, que em nome dessa instituição exprimiu a gratidão que lhe inspirava a oferta. Disse que attribuía á demonstração tanto mais valor, quanto foi seu interprete o ministro sr. Botelho. Fez uma evocação historica das tradições de Portugal, que hoje se nos apresenta debaixo do aspecto de uma republica democratica.

Terminou com estas palavras: — «Senhor ministro: Foi bem

escolhida a escola Saavedra para depositaria desta lembrança. O nome do presidente da Junta de Maio representa para as creanças o culto dos heroes nacionaes, que é a principal orientação do ensino argentino. Este laço, que recorda a Republica de Portugal, sê-lo-ha de fraternidade intelectual entre as creanças portuguezas e argentinas, e faço votos por que nos tempos futuros, quando sejam cidadãos, se intensifique esse sentimento para realizar progressos dignos da cultura contemporanea».

Pronunciou depois um discurso o aluno do 6.º grau, Victoriano Redal, tão eloquente na sua forma espontanea, que ao terminar o ministro de Portugal levantou-se, abraçando-o com effusão.

O director da escola, professor Waldino Jimenez, salientou em breves palavras a significação da homenagem que ali viera prestar o sr. Botelho. Disse que ella representava nobres affectos e communitade de altos ideaes. «Ficæ sabendo, disse, terminando — que o dia cinco de outubro serà para a escola Cornelio Saavedra uma data de feliz recordação, porque em tal dia encorporámos no nosso programma de estudos este novo ponto: o advento de Portugal á vida republicana».

Terminado o acto foi servido um lunch aos assistentes.»

CONFERENCIAS E PALESTRAS

A LUA

Em virtude dos desejos manifestados pela Academia de Estudos Livres, impulsionada, como sempre, pelo seu benemerito empenho de fazer progredir a educação popular, aceitei a honrosa missão que hoje me traz aqui (1), escolhendo a Lua para terna da singela exposição que vou sujeitar á vossa benevolencia.

Poderia parecer de somenos interesse o terna que escolhi, porque não ha ninguém que não saiba o que é a Lua, mas se reflectirles em que a maioria das pessoas, que tantas vezes tem contemplado esse pallido astro, ficariam certamente embaraçadas se lhes pedissem noções precisas sobre a sua origem, as suas condições físicas, o seu papel no Universo, os seus movimentos, a sua evolução, de certo concordareis em que muitos factos se poderão expor, concernentes ao nosso satellite, que ofereçam novidade e interesse, aos individuos a quem os estudos astronomicos não sejam familiares. E assim reconhecereis que sempre alguma coisa de util se poderá dizer, mesmo desenvolvendo um terna que, á primeira vista, talvez pareça demasiadamente singelo.

Acresce que, de todos os astros que vemos brilhar no firmamento, é a Lua aquelle que primeiro merece a nossa consideração especial, porque é o unico que, por assim dizer, nos pertence.

O Sol, o astro magnifico de quem recebemos a luz e o calor, arrasta o planeta que habitamos, como arrasta todos os outros do nosso sistema, no seu movimento atravez do espaço; a Terra, e os planetas seus irmãos são os serventuarios d'esse Astro co-

(1) A conferencia realizou-se na Faculdade de Sciencias de Lisboa em 28 de abril de 1912 e fizeram-se durante ella varias projecções luminosas, conforme no proprio texto está indicado.

lossal, que os acorrenta pelos ferreos laços da atracção, forçando-os a acompanhá-lo aos seus ignorados destinos. Pelo contrario a Lua, joguete das atracções exercidas por todos os corpos do mundo solar, é principalmente á ação da Terra que obedece, é a ella que segue no seu movimento á roda do Sol, e no movimento de translação que lhe é commum com todos os outros corpos do nosso sistema planetario. Por isso a Lua, o unico satellite da Terra, pôde considerar-se como uma propriedade nossa, e merece, por isso, fixar desle logo a nossa attenção, quando, abstrahindo das pequenas miserias da vida sublunar, elevamos o nosso espirito a mais altas concepções.

Justificado, pois, o téma escolhido, segue-se entrar no seu desenvolvimento; antes, porém, de o fazer, seja-me permitido pôr em relevo uma circumstancia e entrar numa pequena digressão.

A circumstancia que desejo salientar é que, destinando-se esta exposição a um publico heterogeneo, de que fazem parte individuos de tenra idade, que ainda não tiveram tempo para alargar bastante a esfera dos seus conhecimentos, é em attenção a elles que hei de fixar o nivel scientifico das minhas considerações. Assim, terei de descer a minucias, que muitos dos que me escutam evidentemente dispensariam; deixarei em silencio um ou outro facto, que não poderia ser bem atingido numa primeira audição do assunto; e ver-me-ei até algumas vezes forçado a pôr de parte o absoluto rigor scientifico, para poder usar de uma linguagem mais facilmente comprehensivel.

A pequena digressão, que julgo conveniente fazer, destina-se a collocar a Lua, objecto unico do nosso estudo, na situação que lhe compete relativamente a todos os outros astros que vemos brilhar no firmamento. Desnecessaria certamente para a grande maioria dos meus ouvintes, esta digressão impõe-se, apesar disso, pela circumstancia a que me acabo de referir.

Entrando, pois, ligeiramente no campo da Astronomia geral, direi que se faz n'esta sciencia uma distincção fundamental entre *Mundo solar* e *Universo*. As estrelas consideram-se verdadeiros sóes, quer dizer, globos enormes, sédes de uma viva incandescencia, animados de movimentos diversos. O Sol não se distingue fisicamente das inumeras estrelas que scintilam no espaço indefinido; só tem para nós a particularidade de estarmos na sua de-

pendência, isto é, a de atrahir um certo numero de corpos celestes, a que a Terra pertence, que dele recebem a luz e o calor e que o acompanham no seu movimento atravez do espaço.

O conjunto das estrelas ou sóes é o Universo; o grupo, incomparavelmente mais limitado, de que venho de falar, com a estrela, ou o Sol, que lhe serve de centro, é o *mundo* ou o *sistema solar*.

O Universo fórma provavelmente um todo cujos limites, se existem, são inacessíveis á nossa observação, e pouco se conhece ainda hoje das leis que o regem no seu conjunto; o mundo solar, pelo contrario, fórma um todo limitado e bem definido, e, por um certo numero de circunstancias favoraveis, o estudo do movimento relativo dos corpos que o constituem reduz-se a um problema de mecanica, susceptível de completa, embora trabalhosa solução.

O astro mais importante do mundo solar é evidentemente o Sol. As dimensões dele são consideraveis relativamente ás de todos os outros corpos que constituem o nosso sistema, e que dele recebem a luz e o calor. Em torno do Sol movem-se *planetas*, os mais importantes dos quaes são — pela ordem crescente das suas distancias ao Sol — Mercurio, Venus, Terra, Marte, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno; além destes ha muitos outros, de minúsculas dimensões, a que se chama *asteroides* ou *pequenos planetas*, cujo numero cresce de dia para dia, graças a novas descobertas, e cujas distancias ao Sol ficam quasi todas comprehendidas entre as que respeitam a Marte e a Jupiter.

Todos os planetas acham-se animados de um movimento de revolução em torno de um eixo inclinado em relação ao plano da sua orbita (movimento de rotação); percorrem ao mesmo tempo uma curva fechada em torno do Sol (movimento de circulação); e acompanham o mesmo Sol no seu movimento atravez das constellações (movimento de translação).

Do movimento de rotação da Terra em torno do seu eixo — movimento de que não temos consciencia, por isso que participamos dele — é que resulta o movimento diurno aparente da esfera celeste; do movimento annual da Terra em torno do Sol deriva o movimento proprio aparente deste ultimo astro.

Á excepção de Mercurio e Venus, todos os grandes planetas

tem *satélites*, isto é, ha uns astros errantes, uns planetas secundarios, que giram em torno dos primeiros descrevendo orbitas fechadas, analogas ás que os planetas percorrem no seu movimento á roda do Sol. A Terra tem um satellite, que é precisamente a Lua; Marte, tem dois; Jupiter, oito; Saturno, dez; Urano, quatro e Neptuno, um.

Além dos corpos, de que acabo de fazer a rapida enumeração, pertencem ainda ao nosso sistema planetario outros astros errantes, os *cometas*, sobre os quaes se exerce egualmente a atração do Sol, mas que com facilidade se distinguem dos planetas, por terem luz propria e forma característica.

É tempo, todavia, de terminar esta rapida digressão, e voltar ao nosso pallido satellite.

Por opposição ao Sol, que é manifestamente o *astro do dia*, tem-se dado muitas vezes á Lua a designação de *astro da noite*, mas uma grosseira observação é sufficiente para mostrar quanto essa designação tem de erronea. É frequente em certas épocas vêr-se a Lua, antes do pôr do Sol, com uma desmaiada claridade; é vulgar tambem nem sempre se observar durante a noite. Assim, a creença dos antigos, de que a Lua fora creada para iluminar a Terra de noite, enquanto o Astro-Rei descansava da sua faina quotidiana, não tem a menor razão de ser. O que é certo é a Lua realizar a sua revolução em torno da Terra em menos de um mês, de maneira que, enquanto a Terra faz um giro completo em roda do Sol, a Lua descreve mais de doze vezes a sua trajectoria ao redor dela; e das posições relativas do Sol e da Lua, provenientes destes movimentos, resulta a possibilidade de estarem esses corpos num dado instante ambos acima, ambos abaixo, ou um acima e outro abaixo do horizonte do observador.

A curva descrita pelo centro da Lua no seu movimento de circulação em torno da Terra não é uma circumferencia perfeita, como aliás os antigos supunham; nem mesmo se pôde dizer que é uma curva plana, quando se usa de todo o rigor. As coisas, porém, passam-se sensivelmente como se a trajectoria descrita fosse uma ellipse, isto é, uma curva plana tal que a soma das distancias de qualquer dos seus pontos a dois pontos fixos do seu plano é constante.

São egualmente ellipses, ou mais rigorosamente curvas que

muito se aproximam de elipses, as orbitas que os diversos planetas descrevem em torno do Sol, ou que os outros satélites descrevem em torno dos seus planetas.

Os dois pontos fixos mencionados na definição da ellipse chamam-se *focos*; a sua distancia denomina-se *distancia focal*; a soma das distancias de cada ponto da curva aos dois focos é igual ao *eixo maior*; e o quociente da semi-distancia focal pelo semi-eixo maior é a *excentricidade*. A excentricidade da ellipse é sempre menor do que a unidade, e quanto mais pequena é, tanto mais a forma da curva se aproxima da de uma circunferencia de circulo.

Póde fazer-se uma ideia perfeita da forma da ellipse fixando as duas extremidades de um cordel aos dois pontos fixos, que hão de ser os focos; deixando-lhe entre esses pontos um comprimento igual ao eixo maior; e obrigando-o em seguida a esticar-se por meio de uma ponta traçante, a qual se encosta á superficie sobre que se deseja descrever a ellipse. Deslocando a ponta traçante por forma que as duas partes do cordel se conservem esticadas, a extremidade dela irá descrevendo uma curva que, em face da definição apresentada, não póde deixar de ser uma ellipse.

É por este processo que os jardineiros traçam as curvas ellipticas, de que frequentemente se servem para delimitar os seus canteiros.

Voltando ao caso da Lua, convém indicar que a posição que a Terra ocupa dentro da sua orbita elliptica coincide justamente com um dos focos d'essa orbita; e para se fazer ideia da forma e das dimensões da ellipse descrita, basta saber que o seu eixo maior é igual a 00,3 vezes o raio da Terra no equador, e que a sua excentricidade é tão sómente 0,0549. Do facto de esta excentricidade ser um numero muito pequeno conclue-se que a ellipse lunar pouco se afasta de uma circunferencia de circulo.

Notarei, a proposito, que os phenomenos naturaes raras vezes se podem traduzir por numeros simples, e muito menos por numeros inteiros; ora, na impossibilidade de conservarmos de memoria numeros muito complexos e dada a possibilidade de os confundirmos, é preferivel servirmo-nos na exposição corrente de numeros redondos, embora menos aproximados; esses numeros são, na verdade, mais facéis de reter, são mais suggestivos ao

nosso espirito, e bastam geralmente para podermos formar uma ideia clara dos phenomenos. É assim que é costume dizer-se que a distancia media da Terra á Lua é igual a 60 raios terrestres.

Que tempo gasta a Lua a descrever a sua orbita completa em torno da Terra? A duração d'esse movimento, que se denomina a *revolução sideral da Lua*, é igual a $27^d 7^h 43^m 11^s,5$, ou, em numeros redondos, $27^d \frac{1}{2}$; não chega, pois, a um mês, como já tinha tido occasião de annunciar.

Se a Lua não tivesse outro movimento além deste de que acabo de falar, a parte da sua superficie que se volta para a Terra variaria com a posição do nosso satellite na sua orbita. Assim, estando, por exemplo, a Lua na posição L, voltar-se-ia para a Terra o hemisferio da esquerda, que seria o visivel para nós; chegada á posição L', o hemisferio que se nos depararia e que veriamos se estivesse iluminado, seria então o da direita (fig. 1).



Fig. 1

Deste modo toda a superficie lunar seria acessivel á nossa observação no espaço de uma revolução sideral. Mas será esta consequencia verificada pelas nossas observações? Manifestamente não é. Todos sabem que a parte visivel da Lua se nos apresenta sempre com o mesmo aspecto, o que quer dizer que o nosso satellite volta sempre para a Terra a mesma face. Este facto explica-se sem difficuldade alguma admitindo que a Lua tem um movimento de rotação em torno de um eixo, cuja duração coincide exactamente com a sua revolução sideral. A existencia de um movimento de rotação nota-se, como já vimos, em todos os planetas e satellites, mas, no caso da Lua, verifica-se aquella particularidade interessante de serem eguaes entre si as durações dos dois movimentos, o de rotação em redor de um eixo, e o de circulação em torno da Terra, e é realmente d'esta particularidade que deriva a circumstancia de a Lua voltar sempre para nós a mesma face. É o que vamos verificar.

A Lua descreve a sua orbita quasi circular em torno da Terra

no sentido directo da astronomia, isto é, no sentido contrario ao do movimento dos ponteiros de um relógio. Sejam então A e A_1 (fig. 2) as posições occupadas pelo centro da Lua em duas epochas successivas. O raio vector, que une o centro da Lua com o centro da

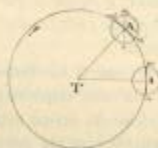


Fig. 2

Terra, descreve no intervalo dessas duas epochas o angulo ATA_1 . Na primeira posição o círculo maximo que limita o hemisferio lunar voltado para a Terra projecta-se na figura segundo mn ; na segunda posição projectar-se-á segundo $m'n'$; mas como esse hemisferio continua sendo o mesmo, o diametro mn da primeira posição ha de coincidir com $m'n'$, e para isso é necessario que a Lua tenha girado em torno de A_1 (ou em torno de um eixo passando por A_1 perpendicularmente ao plano da figura) do angulo nAn' , que sem dificuldade se prova ser igual a ATA_1 . Assim, em qualquer tempo, o angulo descrito pelo raio vector da Lua em torno da Terra é igual áquele de que o mesmo astro gira em torno do seu eixo; estes dois movimentos completam-se, pois, no mesmo tempo, o quer dizer, como ha pouco afirmei, que as suas durações são eguaes.

Em verdade, a egualdade dos angulos nAn' e ATA_1 só seria rigorosa se a orbita da Lua fosse perfeitamente circular; como esta orbita se aproxima bastante de uma circumferencia, mas não o é em rigor, aquella egualdade não se verifica com absoluta exactidão. Por outro lado o eixo em torno do qual a Lua gira não é bem perpendicular ao plano da sua orbita. Daqui resulta que em todo o rigor a Lua não nos mostra constantemente a mesma parte da sua superficie; ás vezes descobre-se, de um ou de outro lado, uma estreita faixa que habitualmente se não vê; de sorte que, afinal, vimos a conhecer não metade, mas sim um pouco mais

de metade de toda a superficie lunar. As coisas passam-se como se a Lua, além dos dois movimentos já enumerados, se deslocasse no espaço balançando-se; e a este movimento aparente, bem conhecido dos astrónomos, deram eles o nome de *libração*.

Vou dar uma ideia mais precisa deste phenomeno.

Já sabemos que a orbita descrita pela Lua não é realmente uma circunferencia de circulo, mas sim uma ellipse, embora de pequena excentricidade. E sendo uma ellipse, é facil reconhecer que a velocidade do nosso satellite não pôde ser constante. Com effeito, a lei segundo a qual se executa o movimento da Lua na sua orbita elliptica é tal que a linha recta (raio vector) que une o centro desse astro com o centro da Terra descreve areas eguaes em tempos eguaes. Assim se a Lua gastar o mesmo tempo indo de A a B (fig. 3.) ou de A' a B', os sectores A T B e A' T B', descriptos pelo seu raio vector, deverão ser eguaes entre si. Os raios TA e T B são menores do que T A' e T B': então a igual-



Fig. 3

dade daquelas areas exige forçosamente que o arco A B seja mais pequeno do que A B'. Vê-se, pois, que, em tempos eguaes, os caminhos percorridos pela Lua são diferentes quando ella se encontra a distancias diferentes da Terra, sendo tanto maiores quanto mais proximos estiverem os dois astros. Assim, a velocidade com que a Lua caminha na sua orbita varia entre certos limites, aliás apertados, sendo maxima quando ella está no ponto mais proximo da Terra (perigéio), e minima quando chega ao ponto mais afastado (apogéio).

Por outro lado, a velocidade angular do movimento de rotação da Lua em torno do seu eixo mantem-se constante.

Sendo, pois, um dos movimentos uniforme e o outro variado, não é possivel dar-se uma absoluta egualdade numerica entre o arco descrito pela Lua em torno da Terra, e o angulo de que a mesma Lua gira simultaneamente em torno do seu eixo; dai

essa apparencia de movimento de balanço, que já disse ter o nome de *libração*.

Tenho-me referido até aqui á face que a Lua nos volta constantemente, sem me importar com as suas condições de visibilidade.

Rigorosamente o que se deve dizer é que nós vemos sempre uma parte maior ou menor da mesma face. O disco lunar só em certas épocas, regularmente espaçadas, se nos mostra iluminado em toda a sua plenitude; nos intervalos vê-se apenas brilhar uma parte desse disco, e noutras épocas, igualmente espaçadas, chega até a desaparecer completamente a sua iluminação. Esta successão de apparencias diversas, de todos bem conhecidas, constitue o que se chama as *fases da Lua*.

A que é devido o phenomeno das fases?

E' devido á circumstancia de a Lua não ter luz propria.

A Lua é um corpo opaco, como a Terra que habitamos, e, como ella, é do Sol que recebe a luz.

Supondo-a com a fórma sensivelmente esferica, em cada instante ha um hemisferio iluminado que é o voltado para o Sol, e um hemisferio imerso nas trevas, que é o oposto ao primeiro. A linha que separa estes dois hemisferios, isto é, a linha de separação da sombra e luz, é um circulo maximo cuja posição varia de instante para instante, graças aos movimentos de que o nosso satellite está animado. Assim esta linha umas vezes coincide com a que separa o hemisferio visível para nós do hemisferio invisível; outras vezes corta-a com maior ou menor obliquidade.

Suponhamos por um momento que os centros dos tres astros — Sol, Terra e Lua — estão sempre num mesmo plano, no qual se verifica, portanto, quer o movimento da Terra em torno do Sol, quer o movimento da Lua em torno da Terra.

Nesta hypothese, se os centros dos tres astros estão em linha recta, ficando a Lua entre a Terra e o Sol, como em N (fig. 4), o hemisferio iluminado é o que não é visível da Terra; nesse instante o disco voltado para nós, não recebendo luz do Sol, nenhuma luz reflecte para a Terra. Diz-se então que é *Lua nova* ou *no-vilunio*. (Supomos o Sol a grande distancia, no prolongamento de TN para a direita da figura). Se é a Terra que fica entre a Lua e

o Sol, como em P, então o hemisferio iluminado é precisamente o que está voltado para a Terra; o disco lunar é inteiramente visível e dá-se o que se chama *Lua cheia* ou *plenilunio*.

A *lua nova* e a *lua cheia* tem o nome comum de *syzyzias*.

Entre as duas posições opostas, de que acabo de falar, a linha de separação da sombra e luz não coincide com a que, para nós, separa o hemisferio visível do hemisferio invisível.

Como nos é licito referir ao Sol, suposto fixo, as posições relativas da Terra e da Lua, e podemos até por um instante abstrair do movimento da Terra; como, por outro lado, o Sol está a

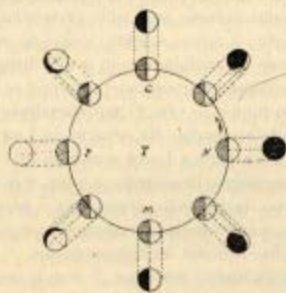


Fig. 4

uma distancia do nosso planeta que é, em numeros redondos, 400 vezes maior do que a nossa distancia á Lua; suporemos que os raios de luz, que o Astro-Rei envia para o nosso satellite, incidem em direcções sensivelmente paralelas. Então quando a Lua, tendo completado um quarto ou tres quartos da sua revolução, se apresenta como em C, ou em M, aquelas duas linhas cortam-se a angulo recto, e a fracção do disco lunar então visível da Terra é sensivelmente metade. Diz-se que é *quarto crescente* quando a Lua está em C, e *quarto minguante* quando está em M. O *quarto crescente* e o *quarto minguante* tem a designação comum de *quadraturas*.

Entre a Lua nova e o quarto crescente, ou entre o quarto minguante e a Lua nova, a parte do disco da Lua que se mostra

iluminada é inferior a metade, e tem a forma de um crescente, que volta sempre a sua convexidade para o Sol. Como a Lua caminha no sentido directo da astronomia, isto é, no sentido contrario ao do movimento dos ponteiros de um relógio, as pontas do crescente lunar voltam-se para o oriente entre a lua nova e a primeira quadratura, e para o poente entre o quarto minguante e a lua nova.

Do quarto crescente á Lua cheia e desta ao quarto minguante apresenta-se-nos iluminado mais da metade do disco, o qual, todavia, só na occasião do plenilunio se arredonda completamente.

Convém notar um facto, que certamente já tem sido observado por muitas das pessoas que estão presentes; e é que, na occasião da Lua nova, o nosso satellite, longe de se nos tornar invisível, apresenta-se na realidade com o seu disco completo, accusando uma fraquissima luminosidade, que mal se distingue da iluminação geral do fundo do céu. Compreende-se bem a razão de ser d'esta aparente anomalia. Na occasião da Lua nova o hemisferio que a Terra volta para a Lua é o mesmo que volta para o Sol, quer dizer, é o hemisferio iluminado; e a luz, que a Terra, em virtude do phenomeno da reflexão, envia para o espaço, vai por seu turno iluminar o nosso satellite, produzindo aquelle effeito que observamos. Dá-se-lhe o nome de *luz cedrada*.

Voltemos ao phenomeno das fases, e demos novamente á Terra o seu movimento de circulação.

Dependendo aquelle phenomeno das posições relativas da Terra, da Lua e do Sol; girando a Terra em torno do Sol, conformemente a uma lei natural, que actúa sempre do mesmo modo; e andando a Lua á roda da Terra, em obediencia a uma lei identica; comprehende-se que as épocas em que os tres astros estão em linha recta, e na mesma disposição relativa, hão de succeder-se continuamente na série dos tempos; por outras palavras, se num dado momento é Lua nova, essa fase ha de repetir-se indefinidamente no decorrer dos seculos a intervalos de tempos eguaes.

Esse intervalo de tempo constante entre duas fases successivas do mesmo nome chama-se *revolução synoptica da Lua*, ou, mais simplesmente, *lunação*. A sua duração é $29^d 12^h 44^m 2^s,9$ ou, em numeros redondos, $29^d \frac{1}{2}$. Como se vê, excede em pouco mais de dois dias a revolução sideral.

Se as coisas se passassem como até aqui tenho indicado, a Lua, na ocasião do nivolunio, interceptaria, no todo ou em parte, o feixe luminoso que nos envia o Sol, e esse astro brilhante seria mais ou menos occultado. Dar-se-ia em todas as luas novas um eclipse de Sol.

Semelhantemente, em todos os plenilunios a Terra interceptaria, no todo ou em parte, o feixe de luz emanado do Sol, que deixaria, assim, de iluminar a Lua, total ou parcialmente. Dar-se-ia em todas as luas cheias um eclipse da Lua.

Mas a nossa observação diz-nos que raras são as syzygias em que nos é dado observar um eclipse. Como se explica então este aparente desacordo? Explica-se notando que uma hypothese, de que ha pouco me servi para facilitar a exposição, não corresponde realmente á verdade dos factos. Contrariamente ao que por um momento admiti, o centro da Lua não se conserva constantemente no plano da orbita da Terra, de modo que, em rigor, as posições que supuz occupadas pela Lua, na explicação do phenomeno das fases, representam, por assim dizer, as projecções do nosso satellite naquella plano, e não propriamente as suas posições reaes.

A eclipse descrita pela Lua corta o plano da orbita da Terra em dois pontos, que se chamam os *nodos*; e o angulo dos planos das duas orbitas é proximoamente 5° .

Prova a observação que os nodos não são pontos fixos no plano da orbita da Terra, ou, empregando a terminologia scientifica, no plano da eclitica. Como quer que seja, o tempo que decorre entre duas passagens successivas da Lua pelo mesmo nodo da sua orbita é igual a $27^{\text{d}} 5^{\text{h}} 5^{\text{m}} 30^{\text{s}}$ (aproximadamente $27^{\text{d}} \frac{1}{4}$), duração esta que é conhecida pela designação de *revolução draconitica*.

Resulta do exposto que para haver eclipses não basta ser Lua nova ou Lua cheia; é preciso que no momento de se dar uma destas fases a Lua esteja tambem num dos nodos da sua orbita. Em segundo lugar, se houver um eclipse de Sol ou da Lua numa determinada syzygia, tornará a produzir-se o mesmo phenomeno quando os quatro pontos — centro da Terra, centro da Lua, centro do Sol e nodo da orbita lunar — voltarem á mesma posição relativa; mas para esta condição se poder verificar, é forçoso que enla decorrido um intervalo de tempo tal que nele se contenham

ao mesmo tempo um numero exacto de lunações e um numero exacto de revoluções draconiticas. Ora reconhece-se facilmente, levando a aproximação dos calculos até aos centessimos do dia, que o numero $6585^d,37$ corresponde simultaneamente a 223 lunações e a 242 revoluções draconiticas. Está, pois, patenteada a razão por que os eclipses são phenomenos periodicos, e estabelecida tambem a sua periodicidade. Se num dado momento se produz um eclipse, $6585^d,37$ dias depois dar-se-á um phenomeno igual; e tomando-se nota das epochas em que se observam eclipses dentro de um periodo de tempo com aquella duração, fica-se em condições de indicar as datas em que os mesmos phenomenos se hão de repetir: bastará juntar áquelas epochas, tantas vezes quantas se quizer, os referidos $6585^d,37$.

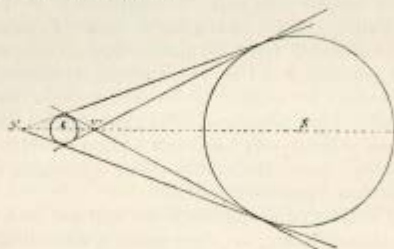


Fig. 5

Este periodo dos eclipses, conhecido da humanidade ha mais de vinte seculos, abrange 18 anos completos, e mais 10 ou 11 dias, conforme forem 5 ou 4 os anos bisextos que no mesmo periodo se comportarem.

Os eclipses do Sol podem ser parciaes, totaes ou anulares.

A região da Terra, onde se produz um d'estes eclipses, é aquella sobre que se projecta a sombra devida á passagem da Lua por deante do Sol. A porção do espaço onde a opacidade do nosso satellite impede inteiramente a incidencia dos raios solares tem a fôrma d'um cone cujo vertice V (fig. 5) se opõe ao Sol S, e que é gerado pelas tangentes exteriores comuns aos globos dos dois astros; é o que se chama a *sombra pura* ou simplesmente a *som-*

bra da Lua. Em volta da sombra ha, porém, outra região do espaço que não é atravessada por toda a luz emanada do Sol, mas sim por uma fracção dela tanto menor quanto mais perto se estiver do cone da sombra pura. Esta outra região do espaço é limitada pela supercie conica que geram as tangentes interiores, e constitue a *penumbra* da Lua.

O facto de o Sol, sendo umas 400 vezes maior do que o nosso satellite, estar tambem umas 400 vezes mais longe, faz que o eixo LV do cone da sombra seja proximalmente igual á distancia da Terra á Lua, sendo possivel, portanto, na epoca de uma Lua nova, que esse cone atinja a superficie do nosso planeta; neste caso dos pontos da Terra comprehendidos dentro do cone deixa-se de ver o Sol, e o eclipse é *total*. Póde, porém, dar-se o caso de não ser a Terra atingida pelo cone da sombra, sendo, porém, encontrada pelo prolongamento do respectivo eixo; então o Sol parece reduzir-se a um anel luminoso para os pontos situados no interior da segunda folha do cone da sombra produzindo-se o que se denomina um *eclipse anular*. A penumbra, como se prolonga indefinidamente, póde sempre alcançar a Terra em distancia; se a atinge tambem em direcção, o que poucas vezes succede, dos pontos collocados no seu anterior vê-se apenas uma parte do Sol, e ha eclipse parcial.

Como a Lua caminha com grande velocidade na sua orbita em roda da Terra, e o movimento angular d'esta em toroo do Sol é doze vezes mais vagaroso, tanto a sombra como a penumbra passam pelo nosso globo com enorme rapidez. A penumbra, que primeiro encontra cada logar da Terra, vae occultando cada vez maior porção do disco solar, até que o mesmo ponto é atingido pela sombra, se tem de haver eclipse total. Continuando a Lua o seu movimento, a sombra dentro de breves instantes deixa o logar considerado, pondo termo aí á totalidade do eclipse; e, pouco depois, tambem a penumbra desaparece.

A penumbra, quando encontra a Terra, tem em media uns 7.000 km. de diametro, e por isso cobre sempre uma grande parte da sua superficie; pelo contrario, como a sombra não póde atingir na Terra diametro superior a 270 km., é sempre muito reduzida a zona da totalidade. Os eclipses do Sol, mesmo que venham a ser totaes ou anulares para um dado ponto, começam por ser par-

ciaes. Nos primeiros a duração da totalidade é sempre muito menor que a do eclipse parcial, considerando-se já excepcionalmente vantajosas, para os observadores, as circumstancias em que o fenomeno se produz, se aquella duração se eleva a uns 4 ou 5 minutos.

Os eclipses da Lua apresentam-se em condições diversas das dos eclipses do Sol debaixo de mais do que um ponto de vista. Estes ultimos são, como disse, visiveis em regiões da Terra muito limitadas, e em instantes muito diferentes para os diversos logares da mesma região. Pelo contrario os eclipses da Lua manifestam-se ao mesmo tempo para todos os pontos da Terra situados no hemisferio que está voltado para o nosso satellite, e podem vêr-se de todos eles no mesmo instante fisico. Desta particularidade resulta que, havendo no periodo de 6885¹,37 mais eclipses do Sol do que da Lua — 41 contra 20 — em cada logar da Terra são visiveis durante esse mesmo periodo mais eclipses da Lua do que do Sol.

Por outro lado, como á distancia a que a Lua pôde estar da Terra o vertice do cone da sombra projectada pelo nosso planeta, fica sempre além da Lua, os eclipses do nosso satellite não podem ser anulares; só podem ser parciaes ou totaes.

Ainda com relação aos eclipses do Sol devo dizer que a classificação em parciaes, totaes ou anulares talvez não seja sufficiente. O eclipse de 17 d'este mez foi, na verdade, observado de alguns pontos em condições taes, que é licita a hesitação na maneira como ele deverá ser classificado. Assim, por exemplo, em Milhundes, nas proximidades de Penafiel, viu-se o disco negro da Lua sobrepôr-se inteiramente ao disco brilhante do Sol; a occultação deste não foi, todavia, completa, pois que se ficaram ainda distinguindo dois pontos brilhantes junto aos bordos do disco solar, cuja iluminação, por este facto, nunca cessou completamente. Não se notou mesmo a *coroa solar*, essa formosa aureola de luz branca, que no momento da totalidade costuma circundar o disco negro da Lua, nem tão pouco se espargiram sobre o fundo escuro do céu os jactos de luz avermelhada, que se denominam *protuberancias*.

Porque motivo não foi total o eclipse na referida localidade? Por outras palavras, porque subsistiram os taes pontos brilhantes no disco quasi totalmente eclipsado do Sol?

Foi porque o disco da Lua não se nos deparou perfeitamente

redondo, notando-se na linha que o definia saliências e reentrâncias; e a duas d'estas reentrâncias corresponderam certamente os pontos luminosos subsistentes. Assim o phenomeno dos eclipses conduz-nos naturalmente a uma outra questão importantissima no estudo do nosso satellite: — a do seu relevo, ou da sua configuração superficial.

A grande proximidade a que a Lua está de nós faz que de todos os corpos celestes seja este o que conhecemos melhor, claro está, na face que está voltada para nós. O seu mapa geografico, ou, para melhor dizer, *selenografico*, foi desenhado ha mais de duzentos anos, primeiro como um simples esboço, depois com maior numero de pormenores, ultimamente com exactidão comparavel á dos melhores mapas terrestres. Póde até dizer-se que os mapas selenograficos ainda são mais perfeitos, e a razão é facil de perceber: é porque nós vemos o disco lunar inteiramente e não podemos ver a Terra no seu conjuncto. A Lua tem tambem sido fotografada, e nos nossos dias a sua superficie acha-se até admiravelmente representada em muitas collecções de fotografias.

O primeiro mapa da Lua foi desenhado pelo astronomo Hevelius, o qual, quando chegou a occasião de dar denominações aos diversos accidentes da superficie que o mapa indicava, hesitou entre os nomes de personagens celebres e os das regiões do globo então conhecidas. Receoso de crear inimigos, se, seguindo o primeiro sistema, não conseguisse satisfazer a todos aqueles que se julgassem no direito de ser contemplados, resolveu adoptar o segundo criterio; mas Riccioli, que fez o mapa immediato, não se prendeu com esses escrupulos; e foi a sua nomenclatura, em que se evoca a lembrança de varias personalidades celebres, a que actual prevaleceu.

Ides ver projectada sobre este alvo uma fotografia do nosso satellite, tirada por occasião da Lua cheia.

Olhando para essa projecção luminosa, ou mesmo para uma simples carta ou fotografia lunar, nota-se na superficie do nosso satellite um certo numero de regiões brilhantes, a que se tem dado o nome de *montanhas*, *culcões*, ou, melhor que tudo, *circos lunares*; e bem assim algumas manchas acinzentadas, que tem sido designadas impropriamente por *mares*.

Estas manchas acinzentadas denunciam depressões do terre-

no, mas que nenhuma analogia teem com os nossos oceanos, pois lhes falta para isso o elemento primacial: — não teem agua.

As montanhas, vulcões, ou circos lunares são elevações de terreno de forma proximalmente circular, vazias no seu interior, apresentando até a particularidade de o nível interno ser em regra mais baixo que o do terreno exterior subjacente; no interior de muitos circos nota-se ainda a presença de uma pequena montanha ou de um grupo de montanhas elevando-se acima da sua profunda superficie interna.

Os circos lunares atingem em geral maiores dimensões do que as crateras dos vulcões terrestres; ha-os, por exemplo, medindo 80 km. de um bordo ao outro, enquanto que na Terra nenhuma cratera de vulcão em actividade chega a atingir 2 km. Ao mesmo tempo os circos lunares são tambem muito mais profundos, tendo-se determinado alturas internas de 3.000 a 6.000 km.

Todos estes accidentes do terreno tornam o relevo do nosso satélite muito mais fortemente accentuado que o do planeta que habitamos.

Um fenomeno natural que se observa nalguns circos lunares, principalmente na Lua cheia e nas suas proximidades, é o apparecimento de uma aureola de luz branca rodeando o circo, e da qual irradiam filamentos luminosos em todas as direcções, embora com algumas lacunas ou irregularidades. O mais notavel destes sistemas de aureolas irradiantes é o que rodeia o circo lunar chamado Ticho, em homenagem ao grande astronomo dinamarquês Ticho-Brahe, e que se distingue perfeitamente naquella imagem projectada. Os raios de luz espargidos abrangem seguramente metade do disco lunar.

Seria tempo inutilmente gasto o que empregasse a enumerar as dezenas e dezenas de nomes, mais ou menos arrevezados, que teem sido attribuidos ao diferentes mares e circos lunares; ninguém os poderia reter de ouvido, e nada ganharia mesmo que tal conseguisse; o que é conveniente é ficar com uma ideia nitida sobre a acidentação superficial do nosso satellite, e para isso vou recorrer a outras projecções luminosas.

O mais importante dos circos lunares é o Ticho, para o qual já chamei a vossa atenção: Ticho brilha com uma luz branca muito viva, e expede raios luminosos a grande distancia.

Na projecção da Lua cheia observam-se varias manchas escuras, representando mares, entre os quaes merecem exame especial o *mar da serenidade* e o *mar da tranquillidade*, por serem typicos e abrangerem grandes extensões. Já vamos vêr a sua projecção luminosa separada, e portanto em maior escala. Antes disso, porém, apontarei ainda o *mar das nuvens*, de que tambem veremos a projecção isolada, o *mar das crises*, o *mar dos humores*, o *mar da fecundidade*, o *mar do nectar*, o *mar das chuvas*, o *mar dos vapores* e o *oceanos das tempestades*.

Entre os circos lunares apontarei ainda os dois mais brilhantes depois de Ticho, ou sejam Copérnico e Kepler, de que tambem veremos uma projecção luminosa separada.

E' interessante comparar os aspéctos diferentes com que se nos deparam os mesmos accidentes da superficie lunar, conforme a fase em que os observamos.

Ides ver a impressão diversa que nos deixa o mar das crises, conforme o encaramos na occasião da Lua cheia ou pouco depois da Lua nova.

E' tambem curioso observar o aspécto das paisagens lunares em fases successivas. Já se projectou a Lua, na fase do plenilunio, ides agora vê-la com 7 dias, com 8 e com 10, correspondendo, pois, ao quarto crescente a segunda destas projecções.

Mostrarei ainda o aspécto caprichoso de alguns circos lunares, que, no emtanto, se conformam á rapida descripção que ha pouco apresentei.

Em todas as projecções luminosas, que acabaes de vêr, de certo vos ha de ter impressionado o aspécto de aridez e de desolacão que apresentam todas as paisagens lunares. Debalde se procuraria nelas um vestigio de vida, quer animal, quer vegetal. E a razão disto reside no facto de não ser o globo da Lua envolvido por uma atmosfera gazosa, analogo á do nosso planeta, atmosfera sem a qual não pôde haver vegetação, nem animaes constituídos como os que habitam a Terra.

O reconhecer se existe, ou não, uma atmosfera á roda da Lua é uma das questões scientificas que teem sido debatidas com mais apaixonado ardor; da sua solução depende, com effeito, o saber-se se o nosso satellite pôde, ou não, ser habitado por seres vivos com uma organisação analogo áquella que nos é familiar.

A observação atenta da Lua nunca denunciou a existencia de nuvens, porque o aspecto que o seu disco nos oferece é sempre o mesmo; nunca se reconheceu velado por manchas esbranquiçadas. Ora, se houvesse uma atmosfera envolvendo a Lua, era natural que ella dèsse origem a nuvens, como acontece no planeta que habitamos.

Por outro lado, se houvesse atmosfera, devia dar-se o phenomeno do crepusculo, isto é, os raios solares, antes de incidirem no solo do nosso satellite, começariam por illuminar as camadas superiores da sua atmosfera, e a luz, que estas recebessem, seria bastante para determinar uma pequena illuminação da parte do disco mergulhada na sombra; ora essa fraca illuminação nunca ninguem a observou; a linha de separação da sombra e luz é sempre nitida e fortemente accentuada; e se algumas irregularidades apresenta, são só as devidas ás particularidades do relevo lunar, em que já tive occasião de insistir nesta conferencia.

Ha ainda outro facto bem conhecido, que milita pela não existencia de uma atmosfera lunar. A Lua, por virtude do seu movimento na esfera celeste, muitas vezes oculta determinadas estrelas á nossa vista. Ora sempre que este phenomeno se dá, a estrela, que se vae vendo cada vez mais proxima da Lua, é subitamente eclipsada, quando chega ao contacto com ella; mas se na Lua houvesse atmosfera, a estrela, no momento do contacto, ainda não deixaria de ser vista, porque os raios de luz emitidos por ella, atravessando essa atmosfera, curvar-se-iam pelo bem conhecido phenomeno da refração e ainda chegariam até nós.

A idêntica reflexão se prestam os eclipses do Sol, que são, afinal, phenomenos idênticos na sua essencia ás occultações de estrelas pela Lua. Nunca se notou enfraquecimento nem deformação no bordo brilhante do Sol, á medida que dele se vae aproximando, até chegar ao contacto, o bordo escuro do nosso satellite.

Todos os factos apontados, e ainda outros, do dominio da espectroscopia, que por brevidade omitirei, parece puderem levar-nos á conclusão de que não existe uma atmosfera lunar; entretanto devo dizer que os astrônomos, que se teem dedicado ao estudo da Lua, não são tão afirmativos sobre este ponto; admitem, com effeito, a possibilidade de possuir o nosso satellite uma atmosfera extremamente rarefeita, a ponto tal que a sua densidade á superficie da

Lua seja 900 vezes menor do que a densidade do ar á superficie da Terra.

E' ainda o phenomeno das occultações que fornece aos que assim pensam o seu melhor argumento. Por meio de observações muito delicadas mede-se directamente o diametro da Lua; ao mesmo tempo determina-se esse diametro pelo calculo, tomando como ponto de partida o tempo que durou a occultação de uma determinada estrella; e o facto de se reconhecer que o numero obtido na segunda determinação é inferior ao primeiro, embora a differença seja pequenissima, toma-se como indicio de que sempre houve um diminuitissimo desvio na direcção da luz da estrella, no momento de ella ser, ou deixar de ser, occultada pela Lua, e portanto é considerado como indicador da existencia de uma atmosfera, ainda que extremamente rarefeita.

Como quer que seja, é manifesta a impossibilidade de ser a Lua habitada por homens como nós; se ha selenitas, isto é, se a Lua é habitada por seres inteligentes, a constituição organica desses seres ha de ser totalmente diversa da nossa, e por mais que o forcejemos nunca chegaremos sequer a concebê-la.

Apesar das condições particulares do relêvo lunar, a teoria mais espalhada attribue uma origem comum á Terra e á Lua. Num dado momento da sua evolução, a Terra, sob a acção de causas mal conhecidas, emittiu de si uma parte da substancia que a constituia, e esta, conglomerando-se mediata ou immediatamente num globo unico, veio a constituir o seu actual satellite. Uma vez formada a Lua, a sua missão, o seu destino, por mais longe que a nossa imaginação possa alcançar na serie dos tempos, parece limitar-se a acompanhar a Terra constantemente, girando em torno della, a não ser que um ignorado cataclismo a impila um dia, em futuro longinquo, para fóra da nossa esfera de atracção. Se esse cataclismo se não dêr, a Terra continuará arrastando consigo essa especie de trambolho cosmico, do mesmo modo que o Sol a continuará arrastando a ella, caminhando por sua vez atravez do espaço em direcção mal conhecida e para insondaveis destinos.

Afim de desfazermos esta impressão, quasi penosa, que nos deixa a contemplanção do nosso satellite, fechemos a serie das projecções luminosas com a do eclipse total do Sol de 28 de maio de

1900, que foi visível no nosso país, esta fotografia, tirada no momento da totalidade, reproduz o surpreendente espectáculo da coroa e das protuberancias.

Espectaculo igualmente grandioso esperavam gosar muitos dos que entre nós observaram o recente eclipse de 17 do corrente mês; mas infelizmente tiveram uma grande decepção. Este facto de sofrer decepções não deixa de succeder frequentemente aos que se entregam ao estudo da Astronomia; e, por isso, o que neste momento mais desejo é que todas as pessoas que com tanta amabilidade me escutaram, e que certamente tinham entrado n'esta sala na esperança de ouvirem coisas que os interessassem, não saiam dela confessando a si proprias que tambem hoje lhes succedeu esse contratempo, a que estão tão sujeitos os amadores da Astronomia. . .

Tenho dito.

PEDRO JOSÉ DA CUNHA.

O juri em Portugal

Em 24 de maio de 1903 realizava o sr. dr. Manoel d'Arringa uma conferencia sobre a questão do juri. Levantava-se nesse momento uma campanha contra esta instituição, campanha que manifestamente tinha intuits reacionarios. Alarmada por tal motivo, a Academia de Estudos Livres pensou na realização de uma conferencia publica acerca do momentoso problema. A alguns annos de distancia a preleção do sr. dr. Manoel d'Arringa tem ainda o maior interesse e relêvo.

Do que foi esse trabalho dá perfeita ideia o extracto publicado no jornal O Mundo, de 25 de maio de 1903.

A conferencia traz-nos outro ensinamento: faz-nos conhecer num dos seus aspectos mais belos a nobilissima figura do venerando 1.º Presidente da Republica Portuqueza. Publicamo-la tambem como preito de profunda e respeitosa gratidão por aquelle que é sempre nosso querido amigo.

«Perante uma sala repleta de publico, e que explodiu em aplausos á aparição da sua querida figura de poeta e de tribuno,

realizou ontem o sr. dr. Manoel de Arriaga, na Associação dos Lojistas, a sua annunciada conferencia sobre as justificações da participação do júri na administração da justiça.

O dr. Manoel de Arriaga começa por expôr as razões que ali o levam. É em primeiro lugar a sua consciencia. Chegado ao ocaso da vida, no momento em que se dá balanço aos actos e ás ideias que preencheram uma existencia, atinge-se o que se poderá denominar uma visão synthetica dos phenomenos da vida. Dizer a palavra que são do exame dos factos e das sinceras convicções é um dever. Depois, entendeu ainda dever atender ao convite que lhe foi feito pela Academia de Estudos Livres, sobresaltada pela campanha que se promove contra uma instituição tão popular e democratica, qual é a do júri. A consideração que lhe merece a Academia de Estudos Livres como as outras agremiações, suas congengeres, que com fervor admiravel abrigam os ideias modernos dos ataques dissolventes que se originam na melitica atmosfera das regiões officaes, induziu-o ainda a tomar com prazer este encargo. E, fazendo-o, presta implicitamente homenagem a instituições dessa ordem.

O assunto da sua conferencia será, pois, o *Juri em Portugal*. Tese complexa e impossivel de desenvolver numa só conferencia. Para se avaliar da sua importancia basta dizer que ella se pôde dividir em tres categorias, que especialmente tratariam da instituição do júri na sua origem e nos seus caracteres fundamentais, que provam que ella é uma instituição humana; das vicissitudes que ella tem atravessado conforme a liberdade a favorece ou a tirania a oprime, porque ella é um verdadeiro termometro da consciencia publica, acusando fielmente todas as suas oscilações; e, finalmente, da forma porque ella é servida em Portugal por infieis depositarios das liberdades publicas.

O orador declara que o pensamento inicial da sua conferencia derivou da publicação de um artigo na revista conservadora *O Economista*, advogando a ideia da extincção do júri. É uma ideia ha muito acariciada nas regiões officaes. Não é facto que admire. Nessas regiões não ha ar livre nem luz. Sómente sombras e nessas sombras, lobos assolando os nossos direitos!

Grandes salvas de palmas acolhem as palavras do conferente, que em seguida se refere ás duas categorias em que se divide a

magistratura portugueza: juizes de direito e juizes de facto, — duas constituições opostas pela conquista das liberdades publicas. São duas conquistas que equivalem a duas revoluções e que por meio de revoluções se conseguiram. E é em relação ao fruto de tantos esforços e sacrificios que se brada: «Acabe-se com isso.»

Exclamação revoltante contra a qual se justificam todos os protestos. Mas os protestos isolados pouco ou nada valem. Os que vencem são aqueles que representam o clamor de milhares de bocas e o esforço de milhares de braços. Esses veem das profundidades do sentimento — da consciencia humana — e basta evidenciarem-se para fazerem fugir para a treva os lobos que nunca de lá deveriam ter saldo!

Sendo vastissimo, como demonstrou, o assunto a tratar, vê-se obrigado a fazer uma hypothese brevissima. O seu intuito é lavar mais um protesto: uma sentença condenatoria contra aqueles que deprimem e querem aniquilar uma das mais uteis garantias dos cidadãos.

Neste ponto cita uma passagem de Bourguignon: «A instituição liberal do juri devia sofrer uma degradação progressiva durante as desordens da anarquia feudal, uma inteira supressão sob os regimens do poder absoluto e renascer de suas cinzas por toda a parte onde a liberdade readquiriu ou ha de readquirir o seu imperio.» Portanto, — conclue o dr. Arriaga — se se ergue um vento de peste e de morte, é porque o absolutismo quer triunfar e a dispensação da justiça por meio do juri é o regimen da liberdade.

Ataca-se, pois, o proprio principio da liberdade. Quem faz isto são os que pela liberdade se engrandeceram e se acobertam agora com o manto do poder real para o elevarem atraçoando-nos.

O juri é inconciliavel com o despotismo. Nasce com a liberdade dos povos; não pôde sobreviver á perda dessa liberdade, — continua o orador, citando as palavras de Bourguignon. E acrescenta: o juri é com efeito a medida da liberdade dum povo. Se ella desce é porque o absolutismo sobe. *(Muitos applausos!)*

Entrando especialmente na materia, Manoel de Arriaga divide os defensores do juri em dois grupos. O primeiro é composto pelos que interpretam a liberdade e o direito como uma concessão de Deus ou do principe ou da cidade: direito divino, real ou burguez. Estes justificam a instituição pela forma porque ella hoje se

observa. Quando ele, orador, realizou os seus estudos na Universidade, reconheceu quanto o direito era instavel. Dependia sempre de qué? De qualquer instituição transitória, de qualquer concepção tão transitória como ela.

A justiça humana tem-se, por isso, prestado a violencias e abusos de toda a ordem conforme as paixões que a movem. Houve os tribunaes da Inquisição, como houve os tribunaes revolucionarios. Como estabelecer um elemento de ponderação em taes conflitos de paixões? Só o juri poderá exercer essa missão alta e pacificadora.

Mas ha tambem os que concebem o nosso direito, de que as multidões quasi não tem consciencia e que os governantes odiosamente calcam. O direito divino é uma monstruosidade absurda. Deus tem direitos, nós obrigações. E' bom para os exploradores, não para os explorados.

Para definir este direito redentor fizeram-se revoluções. Movimento abençoado e forte! Os enciclopedistas abriram a luta, em nome da razão e da justiça. O mundo antigo, com os seus absurdos e violencias, caiu sob a gargalhada e a indignação.

Fundou-se então o direito humano e unico que vem do fundo da consciencia humana. Neste ponto, o dr. Arriaga tem um soberbo repto de eloquencia e recebeu uma merecida ovação.

Em seguida, o conferente abre largos horizontes ao seu espirito, produzindo a parte mais brilhante da sua oração. Perante este direito da Revolução — diz ele — não ha crimes nem criminosos. Se havia um Padre Eterno que se comprazia em estripar gente e em punir gerações pela falta dum problematico idiota chamado Adão, que não conhecia nada deste mundo, a unica cousa que deveria fazer-se era metê-lo numa jaula, pondo-lhe de sentinela a civilização.

Crime é cousa que não existe no mundo. O crime é um facto puramente relativo.

Exemplo: vejamos um indigena australiano. Esse indigena, que é antropofago, leva para a sua cabana um corpo humano ao qual cortou a cabeça. Chama os outros indigenas. O cadaver é fraternalmente devorado. E' a moralidade daquela gente. Nós chamamos-lhe crime.

Pegue-se agora num filho deste indigena. Ponha-se em plena civilização: em Paris ou Londres. Não devorará o seu semelha-

te, sacrificar-se-ha por ele. Como se explica isto? O homem é o mesmo. O *meio* é que variou.

Faz um poetico simile que se baseia sobre a mulher e o amor. Duas celulas que se encontram produzem a creança, que será o cidadão de amanhã. Assim, uma identica harmonia produzirá a cidade futura, na união das vontades e dos sentimentos. Dê-se à propriedade a santidade dela, não o sentido que ella actualmente tem de usurpação. Contra essa propriedade inicia-se o combate por meio da Escola, mas esse combate ha de acabar pela Revolução, *[aplausos delirantes]*.

Como se julga, como se condena. Cae a fundo sobre as actuaes noções de justiça. E' advogado ha quaranta anos; pois bem,—declara com toda a franqueza,—nunca regressou a sua casa depois de assistir a um julgamento, sem se sentir incapaz de condenar, ainda mesmo a um reu confesso.

A justiça não pôde animar-se dum espirito de vinda. O chamado criminoso só quer que lhe garantam a existencia. Até as feras, dando-se-lhes de comer estão socegadas. A sociedade tem as mãos vazias de direitos para julgar. Para o fazer necessitaria de provar que concedeu todas as garantias para viver.

A Harmonia, será a característica da cidade livre e justa. Abi se poderá pregar um verdadeiro sermão da Montanha. A milhões de seres reunidos gritar-se-ha: Reclamaes justiça? Justiça será feita. Palavra maior que a do Cristo, porque será a do Direito Humano.

A Liberdade é como uma onda; ameaça sempre. Não ha obstaculos que lhe resistam, e a consciencia da sua força é tal que os proprios que realizam no mundo a sua negação pretendem pactuar com Ella. Ha já reis liberaes, despotas que se apellidam de democratras! Eles proprios aluem a base do seu suposto direito. E Ella avança sempre, triunfará em toda a parte. Veja-se o que succede em Espanha, onde se estão alargando os limites da consciencia humana!

Uma estrepitosa salva de palmas estruge na sala, ao ouvir-se esta alusão ao admiravel movimento republicano e social que se está observando no paiz vizinho.

O dr. Manuel de Arriaga continua, analisando as razões por que o juri é indispensavel para a classificação do crime.

Gita Clavel, referindo as suas opiniões expressas na *Morale*

Positice. «Apreciar o dano e a reparação é cousa possível por aproximação — diz Clavel — mas medir a culpabilidade dum homem tendo em linha de conta a sua educação, os maus exemplos, as tentações por que passou, as paixões que o agitaram e mil outras circunstancias atenuantes ou agravantes num maleficio, é cousa impossível.»

Mas sendo absolutamente preciso julgar, como julgaremos? Catharina da Rússia dizia: «para estudar um homem, requere-se um sabio; mas para o julgar é preferivel entregá-lo ao juizo da gente simples que desapaixonadamente se deixa guiar pelo seu pratico bom senso». Nestas palavras reside uma das logicas justificações do juri.

O orador, frequentemente interrompido pelos aplausos da assembléa, faz a critica severa da magistratura. A justiça togada não é justiça. O delegado acusa porque o seu habitô é acusar; o juiz pronuncia porque está ali para pronunciar. Vem o juri e, se absolve, caem sobre ele todos os improperios, quando afinal é só ele que imparcialmente julga. — Que iniquidade!

Actualmente a justiça militar tem sobre a civil algumas vantagens. Uma delas é ser gratuita. A ganancia da Boa Hora é já proverbial. O que se procura é extorquir dinheiro. Cita factos interessantes e significativos. Termina dizendo que as classes faliram. A aristocracia foi generosa, mas já o não é. A burguezia, que fez revoluções, está hoje profundamente egoista. Onde pois se pôde fixar a esperança dos que anseiam por um mundo melhor? Unicamente nas multidões anonimas, donde surgem tantas inesperadas dedicações, tantos sublimes heroismos.

Apela, pois, para elas, afim de que salvemos os grandes principios do Direito. Salvaguardando-o, afirma-se o espirito do progresso e autentica-se a consciencia, a solidariedade humana. E não esqueçamos sobretudo — repete — que onde o juri desce a tirania sóbe. Façamos que ele suba, porque assim faremos subir a liberdade!

Uma longa aclamação acolhe as palavras do orador. Todas as mãos se estendem para as suas. Impressionado e comovido, o publico abandona a sala, onde se realizou a conferencia, com a ampla satisfação moral de se ter aquecido durante alguns momentos ao calor duma bella e grande alma.»

EXCURSÕES E VISITAS

A evolução da estatuaría decorativa portugueza

Por uma bela tarde deste outono, em 10 de novembro ultimo, agrupados numerosos alunos e socios da Academia de Estudos Livres ante o pórtico oeste dos Jeronimos, maravilhoso padrão dos descobrimentos portuguezes, dissêmos-lhes—como dirigente do passeio de instrução, que a Direção para esse fim projectara—que não fora por acaso, que ali nos reuniamos, pois que tendo por alvo a digressão o visitar-se o átrio da Ajuda e as suas esculturas, conveniente era, para melhor se apreciar a evolução da estatuaría em Portugal, observar-se préviamente ali, nos admiráveis Jeronimos, como no seculo XVI se produzia essa Bela Arte no paiz.

Conveniente se tornava porém o dizer algumas palavras de generalidade sobre a escultura europeia das passadas épocas, para melhor ilucidação dos ouvintes.

Assim, das tres belas artes plasticas—a architectura, a escultura e a pintura—a primeira, por abrigar o homem, era a mais antiga e útil e as outras foram a principio subsidiarias da primeira, como mera ornamentação. Tempos anclados ambas se emanciparam, constituindo cada uma delas artes autonomas, que na Grecia e na Roma antigas atingiram extraordinaria e não ultrapassada beleza.

Com a invasão dos barbaros do norte a architectura *classica* subsistiu na decadencia *bizantina* e *românica*, mas a escultura e a pintura desapareceram no Ocidente, recomeçando quasi de novo pela Idade Media.

Na Italia as tres artes levantaram-se com brilhantismo a par uma das outras, como o comprovam as obras de Brunelêscó, de Giotto e de Nicolau de Pisa; em França as esculturas das cate-

draes goticas, como as que ás centenas povoam a de Chartres, são admiraveis e superiores á pintura da epoca. Em Portugal dá-se o contrario: é a arte da pintura influenciada pela *flamenga* a que sobreleva, como se aprecia nas prosligiosas taboas de Nuno Gonçalves, entre outros pintores coévos nacionaes. A escultura fica muito além, havendo aliás algumas estatuas «jacentes» que são notaveis, como — entre outras — as figuras de D. Pedro I e D. Inês de Castro, nos tumulos de Alcobaga; a de D. Fernando I, no muzeu do Carmo; a de D. Vetaça, em Coimbra; a de Pacheco, na Sé de Lisboa. Mas quanto á escultura gotica da Batalha, salvo o baixo relevo do Padre Eterno e Evangelistas, vê-se que nas estatuas dos Reis e dos Apostolos do pórtico (estas substituidas por copia bastante fiel), tem toda a ingenuidade e imperfeição primitiva, não acompanhando a beleza architectónica e ornamental daquelle primoroso e patriótico monumento.

Aqui nos Jeronimos, um seculo depois, constata-se um decidido progresso, pois as principaes figuras esculpidas tem bastante character e acompanham mais de perto a chamada pintura gotica. Vemos assim, analisando-as, que as figurinhas da *Anunciação*, da *Natividade* e dos *Magos* deste pórtico são proporcionadas e a intenção dos movimentos expressiva.

E' porém nas figuras maiores, retratos de *D. Manuel* e *D. Maria*, sua mulher, acompanhados respectivamente de *S. Jeronimo* e *S. João Baptista*, que melhor se aprecia esse progresso, pelo realismo das atitudes e bem modeladas roupagens, a que não faltam curiosas minucias, constituindo um interessante documento indumentário, pelo qual se póderiam reconstituir as vestimentas regias.

Tendo todos apreciado com aprazimento estas curiosas manifestações da estatuaria quinhentista, passou-se ainda a analisar as varias grandes figuras do monumental pórtico sul do mosteiro, principalmente as que representam o *Infante D. Henrique*, os *Apostolos* e varias personagens da Igreja, em que o valor artistico do modelado resalta principalmente nos panejamentos, esculpidos com arte e elegante largueza, lembrando figuras de Alberto Durer.

Quando todos os alunos e socios da Academia de Estudos Livres se reuniram mais tarde no pateo de honra do palacio da

Ajuda, o prelector, historiando rapidamente a sua construção começada em meio do seculo XVIII, chamou a atenção para o estilo ornamental do edificio, o *Jónico Scamozzi*; e sendo a visita às estatuas decorativas do amplo e artistico átrio o fim principal do passeio, fez notar existirem essas estatuas de mármore em diversos nichos, fazendo parte da ornamentação do átrio, que constitue só por si um magnifico trecho architectónico.

Ligando com o que exposéramos anteriormente ante os Jeronymos, referimos como após aquelle brilhante periodo artistico, pelos deploraveis factos historicos que se lhe seguiram, como Alcacer-Kibir, a dominação espanhola e as guerras da independencia, a arte nacional retrocedeu muitissimo, a ponto que, quando D. João V, um rei de fino gosto artistico, quiz mandar erigir em Mafra o seu enorme convento, foi ao estrangeiro buscar um alemão, Ludovice, para a architectura; e para os retabulos de mármore, o escultor italiano Alexandre Giusti ou Justi, coévo do famoso Bernini, notavel architecto e escultor de Roma nos fins do seculo XVII. Felizmente Giusti fez escola aqui no paiz nesta especialidade e teve discipulos entre os quaes Barros e o glorioso Machado de Castro, que continuaram o impulso dado.

Por sua vez este ultimo deixou discipulos, como Faustino Rodrigues, e são destes artistas varias das estatuas, que se apreciam no átrio da Ajuda feitas em principio do seculo XIX.

Observa-se nelas que, alem da correção de proporções e bem achadas atitudes e simbolos que distinguem essas figurações Moraes, tem no desmanchado artistico das roupagens uma das características *barócas* do estylo de Bernini.

Paralelamente nota-se que outros escultores um pouco mais recentes do que aqueles — entre os quaes Aguiar e Viegas — chamados a decorarem tambem com estatuas alguns dos nichos, eram seguidores do estylo *néo-clássico* então em voga em França desde a Revolução, e produziram varias figuras de frias atitudes, drapejadas de regrados e meudos panejamentos, cujo aspécto é artisticamente inferior aos produzidos pelos discipulos continuadores de Giusti.

Durante o caminho para a Ajuda tivemos occasião de dizer algumas palavras acerca da igreja da Memoria, notavel pelas harmonicas proporções, por ter os estylos dorico e jonico sobrepos-

tos e ainda o elegante zimbório de origem asiática tão applicado desde a Renascença a varios templos europeus, seguindo o modelo romano do Panteon de Agripa.

Tambem causaram excelente impressão nos visitantes, a passagem pelo jardim botânico da Ajuda, os lindos tanques *barricos*, ornados a dragões, a serpentes, a rans, a hypocampos e outros animais em graciosas e artisticas disposições.

Vista a magestosa frente do palacio da Ajuda e a sua vasta e ombrosa Tapada, terminou de vez a visita de estudo, a todos muito aprazível.

HIRKINO CHRISTINO.

Curso de Historia Universal

No proximo mez de janeiro recommencam as lições do illustre professor sr. Agostinho Fortes, que se occupará, neste anno, de *ad-ventu do Cristianismo, da invasão dos barbaros, de toda a Idade Media até a primeira Renascença.*

Publicaremos aqui desenvolvidos extractos das lições, a fim de que fiquem devidamente arquivados tão excellentes trabalhos de vulgarisação scientifica.

Reputamos os conhecimentos historicos indispensaveis para a educação do povo. Por isso a Academia de Estudos Livres tem perseverado na execução deste ponto importante do seu programma.

UMA SESSÃO LITERARIA

Em 8 de junho de 1905 realizou-se na Academia de Estudos Livres uma sessão literaria dedicada a Gil Vicente. Foi conferente o sr. dr. Teófilo Braga e um grupo de alumnos do liceu da Lapa leu a Farça de Inês Pereira.

Ultimamente tem organisado o nosso amigo sr. dr. Afonso Lopes Vieira uns notaveis serões vicentinos no Teatro da Republica. E porque conhecemos o seu amor ás coisas portuguezas, e em especial a tudo que se relaciona com o genial creador do teatro portuguez, oferecemos-lhe esta noticia, convencidos de que a lerá com agrado.

Eis como o Dia descreveu a festa literaria num artigo publicado em 10 de junho de 1905:

Realizou-se ante-ontem, nesta prestimosa sociedade, uma sessão literaria consagrada ao creador do Teatro Portuguez — Gil Vicente.

Foi a primeira vez que em Portugal se tentou a leitura duma obra prima da nossa literatura como meio de propaganda educativa do gosto publico.

E a sessão teve o mais brilhante exito, como se evidenciou pela atenta curiosidade dos assistentes, pelo franco riso e alegria, que despertaram algumas das mais caracteristicas passagens do gracioso auto lido — a *Farça de Inês Pereira*.

A leitura foi precedida duma conferencia do sr. dr. Teófilo Braga. O illustre academico prendeu a atenção do publico durante cerca duma hora.

Começando por definir a importancia das leituras como meio de educar o publico e de lhe fazer conhecer as joias literarias da literatura, processo usado pela Inglaterra, França, Alemanha e outros paizes, o dr. Teófilo Braga traçou magistralmente o quadro historico dentro do qual se exerce a actividade fecunda de Gil Vi-

cente, escrevendo para os sarrãos das côrtes de D. Manoel e de D. João III as scenas incomparaveis dos seus autos e farças, em que a vida do povo aparece retratada fielmente, em que o poeta critica os costumes das classes privilegiadas — frades e nobres — com uma despejada coragem, só explicavel, nesses tempos atrasados, pelo estranho prestigio do genio vicentino. Tratou depois o conferente de destringar as duas personalidades, o Gil Vicente *ourives* e o Gil Vicente *poeta*, tanto tempo confundidas e hoje, graças á critica litteraria, definidas na esfera da sua importante ação social: um, burilando essa monumental *custodia dos Jeronymos*, feita com o primeiro ouro vindo das conquistas de além-mar; outro, tracejando esse *Auto da Fama*, em que, pela primeira vez, se teatralisa a ação fecunda desta nacionalidade, actuando energicamente na marcha da civilisação.

Um e outro desses primaciaes artistas foram os dignos precursors de Camões, que mais tarde havia de achar nos *Luziadas* a formula suprema — exprimindo o valor indomavel dum povo a exercer-se na actividade dos descobrimentos, que trouxeram para a civilisação occidental novos mundos e outras antigas civilisações.

O poeta Gil Vicente encontrou no apoio e na estima da grande Rainha D. Leonor, viuva de D. João II, o estímulo para que o seu incomparavel genio desabrochasse. Começando a revelar-se no celebre monologo do *Vaqueiro*, de que ontem passava o aniversario, Gil Vicente escreveu autos e farças para todas as festas da côrte. Ao corrente do viver do povo, o poeta teve occasião de fazer brilhar inconfundivelmente o seu genio dramatico.

A genesis da *Farça de Inês Pereira* é curiosissima. Houve quem dividisse do talento de Gil Vicente. Este, irritado com o malévolo proposito dos seus inimigos, reptou-os para uma prova decisiva. Declarou aceitar como itelea inspiradora de uma farça o anexam ou sentença popular, que lhe fosse proposta. Então apresentaram-lhe o seguinte ditado: *mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube*. Passádos tempos, em 1523, na cidade de Thomar, perante D. João III, Gil Vicente fazia representar a sua *Farça de Inês Pereira*, que é uma graciosissima expressão dramatica do anexam proposto.

O conferente explicou depois alguns episodios da farça, como, por exemplo, o dos judeus casamenteiros, instituição ainda

hoje existente na Alemanha, e o da scena de violencias do frade contra Leonor Vaz, com a referencia da duvida apresentada pela vitima se deveria fazer suas queixas ao rei ou ao cardeal (D. Henrique, irmão de D. João III).

Passou-se depois á leitura da farsa por um grupo de 7 alunos do Liceu da Lapa, que frequentam a aula de literatura regida pelo sr. dr. Sá Oliveira, o iniciador desta interessantissima sessão literaria.

O exito da leitura foi verdadeiramente extraordinario, provocando tanto interesse, que no final o auditorio se manifestou entusiasticamente em aplausos e felicitações.

Alguns dos leitores merecem referencia especial pela forma encantadora como se desempenharam dos seus dificeis papeis. Sem deslouro para os outros, seja-nos licito destacar o aluno que leu o papel de Inês Pereira, tanta foi a graça e a distincão como disse o verso. O publicou sublinhou com bravos algumas passagens mais caracteristicas dessa leitura, mostrando a mais completa comprehensão do valor daquela brilhante peça literaria.

Sociedade de Estudos Pedagogicos

Nesta douta agremiação estuda-se actualmente um plano de conferencias populares, de cuja execução será encarregada a Academia de Estudos Livres.

Essas conferencias, que serão feitas pelos professores filiados na mesma Sociedade, serão publicadas em desenvolvidos extractos nesta Revista, que assim proporcionará aos seus leitores trabalhos scientificos de valor e de inteira propaganda educativa.

BIOGRAFIAS

CENTENÁRIO DE LINCOLN

No domingo, 14 de março de 1900, realison o professor sr. Carlos de Mello, uma conferencia comemorando o 1.º centenario do nascimento de Lincoln, o celebre presidente da grande republica dos Estados Unidos da America do Norte.

Desse trabalho damos um largo extracto, porque entendemos que a biografia de Lincoln é um brilhante exemplo do que valem a força de vontade, a intelligencia e a coragem civica na luta pela vida e, como tal, digna de figurar nas paginas d'esta Revista.

A constituição de 1787 tinha concedido aos Estados do Sul 20 annos para importar negros d'África e desenvolver a cultura do algodão. Era a população nesta data: ao Norte 1.967.000 habitantes; ao Sul 1.960.000 (600.000 negros).

Quando o Congresso teve o direito de proibir esta importação, em 1808, quis fazer do contrabando dos negros um crime capital. Foi, porém, tanta a opposição que teve de desistir: o contrabando continuou e a Capital federal foi quasi um mercado de escravos.

Em 1816 quis-se dar satisfação ao espirito filantropico e formou-se no Sul a *Sociedade de Colonisação*, encarregada de reenviar para Africa, de quando em onde, uma leva de escravos fôrros. Era uma comedia hipocrita, visando a devolver para o continente negro os pretos insuportaveis.

Houve annos em que se importaram mais de 10.000 negros. Então o Congresso, para ganhar adesões, convidou as potencias

europeias, e em especial a Inglaterra, a adoptar medidas comuns de repressão deste infame trafico (1818). Assim, a questão economica transformou-se em questão politica e internacional.

Desde 1791 até 1818 o Congresso tinha admitido na federação 8 estados, 4 livres e 4 escravagistas alternadamente: Vermont depois de Kentucky, Ohio depois de Tennessee, Indiana depois de Luisiana, Illinois depois do Mississippi.

Em 1819 foi admitido o Alabama, escravagista. Devia seguir-se um estado livre. Quando o Missouri pediu a entrada na federação, um representante de Nova York propoz que a escravatura fosse abolida no novo estado. D'al protestos dos donos de escravos e grande polemica, que se agravou quando em 1820 foi admitido o estado livre do Maine.

Visto que o Maine formava com o Alabama o quinto par, o Missouri arrogava-se o direito de ser admitido, apoiado pelo Sul. O Norte reagiu poderosamente, pugnando pelo termo da escravatura e os dois paizes chegariam á guerra no calor da disputa, se alguns moderados não intervissem propondo um compromisso, que na Historia tomou o nome do seu melhor advogado — *Henry Clay*.

O compromisso consistia no seguinte: o estado do Missouri ficava adido á escravatura, mas todo o territorio a oeste de Mississippi e ao norte do 36° 30' de latitude ficava reservado ao trabalho livre, nunca mais podendo receber ali o trabalho servil.

O compromisso, representando uma cedencia mutua, legalisava a divisão dos Estados Unidos em dois paizes — do Norte e do Sul. Em 1820 o Norte tinha 5,147,000 habitantes e o Sul 4,435,000, dos quaes 1,500,000 eram escravos! E como no Congresso 5 escravos só valiam por 3 brancos, a superioridade numerica do Norte agravava-se com a superioridade da sua representação politica.

Esta efervescencia passou, porém, graças ás guerras com os indios e aos conflitos economicos e politicos com o estrangeiro, até que resurgiu novamente depois da guerra do Mexico.

A proposta *Wilmot* em agosto de 1846 — compra dos territorios do Mexico sob prohibição absoluta da escravatura — não vingou.

A luta de interesses permaneceu mais ou menos latente.

Nunca, porém, fossem quaes fossem os talentos dos melhores politicos, se chegou a uma solução pratica e estavel. É nesta conjuntura que o nosso heroe se impõe. Ides ver como o seu vulto se destaca do fundo vermelho destas ambições irrequietas, que viviam da exploração do sangue humano, embora conhecessem que espesinhavam o Direito...

Abrahão Lincoln nasceu no condado de Harlin, no Kentucky, em 12 de fevereiro de 1809, de uma familia de quackers, oriundos da Virginia.

Seu pae, Thomaz Lincoln, esposou em 1806 Nancy Hanks, com quem passou em 1816 para a Indiana.

Quando ali chegaram e se estabeleceram, o territorio era um deserto e o joven Abrahão cresceu e desenvolveu-se na vida de pioneiro, vivendo numa cabana, trabalhando ao ar livre, costumando-se ás intemperies, estudando e aprendendo só os modos rudes e ingenuos e as ambições grandes dos seus vizinhos fazendeiros.

Em 1818 sua mãe falleceu, e ele soffreu um rude golpe no temperamento affectivo, onde já preluziam tres qualidades fundamentais — o amor aos seus, o culto do trabalho e a lealdade para com todos. Um anno depois seu pae contraiu matrimonio com uma viuva. Deu-se Abrahão muito bem com a madrastra, tratando-a como sua mãe e ajudou seu pae na exploração da fazenda, trabalhando com vigor.

Raras eram as escolas no sitio e em redor, e maus os mestres que apenas ensinavam a instrucção rudimentar. De modo que aos 21 annos Lincoln apenas sabia ler e escrever e a regra dos tres, tendo frequentado a escola seis mezes. Nunca mais frequentou escola alguma. Tudo quanto soube deveo-o a si proprio, porque foi sempre muito avido de ler e curioso de saber... Admiravel exemplo de que nunca vos deveis esquecer!...

A sua força e pericia nos jogos athleticos tinham-lhe ganhado fama de valente, felizmente compensada por grande bondade e realçada por uma eloquencia natural, que não se comprazia em banalidades rétoricas, mas em atacar o assunto e desenvolver-o de modo que empolgava o auditorio.

Em 1828 foi a Nova Orleans, contratá-lo, numa jangada. Principiou então a ver o que era a escravatura. Em 1830 emigrou

com seu pae para Maconcounty, onde o ajudou a construir a barraca, limpar o campo e partir os carris para a cercar de um valado. Mas a localidade era insalubre e a familia resolveu abandonal-a.

Em 1831 desceu novamente na jangada até Nova Orleans e salvou-se d'um encalhe inventando um aparelho de que pediu privilegio em 1840. No regresso a Salem o seu patrião alcançou-lhe um logar de escrevente. Lincoln teve então algum tempo disponivel, que aproveitou na sua auto-educacão. Pediu emprestados uma gramatica e varios livros, completando os estudos com explicações do mestre de aldeia. Fez então os seus primeiros discursos em publico.

Rebentou depois a guerra contra os indios do Falcão Negro (Black Hawk). Tinha falecido o seu patrião. Lincoln assentou praça como voluntario numa companhia do condado de Sagamon e foi eleito capitão em 1832.

Entretanto propuzera-se candidato á legislatura do Illinois. A sua proclamação *«Ao povo do condado de Sagamon»* tem a data de 9 de março de 1832 e revela talento e educacão muito superiores aos estudos, que realisara. A guerra do Falcão Negro durou 3 mezes, durante os quaes Lincoln participou de todos os trabalhos, sem entrar, todavia, em batalha alguma.

Foi derrotado naquella legislatura, mas alcançou no seu circulo uma maioria lisongeira. Resolveu então ficar ali e em março de 1833 alcançou o logar de chefe do correio em New Salem. Nos intervalos do serviço, Lincoln estudava as leis do seu paiz. O seu socio Berry (na exploração e amanho duma fazenda) que lhe alcançara o logar no correio, era um beberrão, descuidando os negocios a ponto que fizeram falencia. Lincoln ficou endividado por causa da fazenda que comprára. A simpatia e o respeito que já inspirava, levaram então o engenheiro do condado de Sagamon a offercer-lhe um logar de ajudante, muito mais rendoso. Lincoln preparou-se a toda a pressa para as suas novas funções e assim o vemos no fim de 1833 levantando plantas de estradas e fazendas! Esta vida ao ar livre agradava-lhe porque — nas suas proprias palavras — *«davam-lhe pão e conservavam o corpo e alma juntos.»*

Em 1834 principia a sua vida politica. Era então Lincoln, aos 25 annos de idade, um homem de 6 pés e 4 pollegadas de altura

(cerca de 2 metros), magro e feio. Os pés e as mãos eram descommuões. Este gigante tinha, porém, um coração de pomba e infundia respeito e simpatia profunda. Quem lhe falava uma vez ficava preso da sua bondade simples, da lhancaza cativante, da especie de fascinação, que em torno espalhava.

Entrou na Camara do Illinois em 1834, sendo successivamente reeleito em 36, 38 e 40. Em 1834, por conselho do seu colega e amigo Stuart, dedicou-se ao estudo das leis nacionaes e com tal afiço que em 1836 era admitido como advogado nos tribunaes, ganhando fama, pela sua eloquencia e saber, em varias causas importantes.

Entrando no Congresso Federal foi o adversario do presidente Polk e combateu a guerra contra o Mexico. Ali principiou defendendo os principios, que tinham de ser o ideal de toda a sua vida: 1.º a extensão dos direitos da União devia sobrepujar a dos Estados particulares; 2.º o abolicionismo.

Em 1849 reclamou a extinção da escravatura no Districto Federal de Springfield, onde residia desde 1837. Entretanto crescia o dissentimento entre os estados americanos do sul e os estados do norte, que pugnavam pelo abolicionismo. O dissentimento transformou-se em conflito mal a Europa discutiu e censurou a escravatura americana, tal qual a revelou em 1852 miss Deecher Stowe no celebre romance «*A Cabana do Pai Thomas*».

O conflito fez-se guerra apenas o bill de Kansas-Nebraska revogou em 24 de maio de 1854 o compromisso de *Clay* e se proclamou o principio de que nos diversos territorios da republica a admissão ou exclusão da escravatura dependia da vontade dos habitantes sem se atender á situação geográfica.

Na luta pelo abolicionismo lançou-se então o grande Lincoln com todo o ardor dum homem convencido da justiça da sua causa.

Finalmente em 18 de maio de 1860 a Convenção republicana reuniu-se para a escolha d'um candidato á Presidencia da Republica e adoptou como plataforma a negação da legalidade da escravidão. Lincoln foi eleito contra Seward.

O cavador de enxada de 1830 chegara á culminancia social, presidindo aos destinos de quasi 32 milhões de habitantes num paiz tão grande como a Europa! Vede o que fizeram o trabalho, a intelligencia e a fé...

Não seguiremos Lincoln, porque o tempo nos falta, em todos os trances da sua vida de presidente, modelo de virtudes, grande entre os maiores vultos da História. As formidáveis lutas armadas entre o Norte e o Sul constituem uma pagina de sangue na vida do povo americano, que teve a fortuna de ver então presidindo aos seus destinos um verdadeiro santo da Humanidade!

Chegamos ao auge da luta formidável, da guerra da separação. O exercito do Sul recuava, Lincoln, vendo a opinião publica animada pela vitória, anunciou em 23 de setembro de 1862 a proclamação preliminar da Emancipação:

«Desde o 1.º de janeiro de 1863 todos os escravos de qualquer Estado ou de qualquer parte do Estado em revolta contra a União, serão logo e para sempre livres.»

A data de 1 de janeiro de 1863 ficou imorredoura nos anais dos Estados Unidos. A proclamação de Lincoln tornou-se a lei irrevogável. A opinião publica foi abalada, principalmente quando se reconheceu a benevolencia com que o governo acolhia e tratava os negros libertos, a facilidade com que os recrutava e incorporava no exercito e a bravura e dedicação com que lutavam os novos soldados.

Esta grande vitória moral induziu Lincoln a tornar indiscutível o acto do abolicionismo, propondo ao Congresso na sessão de 1863-1864 uma lei constitucional a este respeito. Não conseguiu, porém, vencer, porque o Congresso estava dividido, principalmente porque, estando a findar o periodo de 4 annos da presidencia, o partido democrata trabalhava pela candidatura de M. Cletlan opondo-a á de Lincoln e não queria comprometer-se aos olhos dos escravagistas. Apesar de tudo, em 1864 Lincoln era reeleito presidente da Republica por 212 votos contra 12.

Entretanto as forças da União iam ganhando terreno, Lincoln sempre pacificador promtificava-se em junho de 1864 a receber os agentes dos confederados, que se apresentaram para negociar a paz, realisando em 3 de fevereiro de 1865 uma conferencia com os commissarios confederados sem exito algum.

Não abandonava contudo a sua ideia capital e teve a alegria de se ver immediatamente acolhido pelo Congresso, que em 31 de janeiro de 1865 aprovou a mensagem presidencial de 6 de dezembro de 1864, na qual propunha a seguinte emenda á Consti-

tuição Federal: «Nem a escravatura nem a servidão involuntária, excepto como pena por crime devidamente reconhecido, existirão dentro dos Estados Unidos ou em qualquer lugar sujeito á sua jurisdição.»

Enquanto esta emenda era ponderada pelos parlamentos estaduais, Lincoln principiava a sua nova presidência entre festas, realçadas pelas vitórias das tropas da União, á frente das quaes se distinguia o general Grant, que em 9 de abril obrigava á rendição e aprisionamento todo o exercito do Sul, do commando do general Lee. O Sul estava esgotado e em 26 de maio a guerra acabava e a União erguia-se de novo.

O autor glorioso de toda esta obra de Direito, de Paz e de Harmonia tinha, porém, de morrer sem assistir ao termo da sua tarefa bemdita!!

Na noite de 14 de abril de 1865 estava em Washington e foi assistir ao espectáculo no Teatro Ford. Sentava-se no seu camarote, muito despreocupado, entre a familia e alguns amigos, quando um conspirador, John Wilks Booth, se aproximou, sem que ninguem o presentisse, e cobardemente, pelas costas, desfechou uma pistola sobre a cabeça do Presidente.

Inútil me parece descrever o pasmo, a aflição, o horror dos espectadores do execrando atentado. O Presidente foi levado para uma casa fronteira ao teatro, onde faleceu no dia seguinte ás 7 horas da manhã. Onze dias depois o assassino era morto numa estrebria, onde se tinha refugiado.

E assim desapareceu da vida o grande Lincoln. Assim como numa tempestade o raio se precipita das nuvens e fere, lasca e derruba a arvore mais altiva que muito alto lançou a copa verdejante, poupando as plantas rasteiras, as urzes e os espinheiros; assim o braço do facinora feriu o nobilissimo homem, que acima de tantos sobrepujou com a sua lealdade, com as suas virtudes, com o seu saber, com o seu coração de santo!

O homem morreu, mas a sua obra vingou e com ella o amor e a veneração dos seus concidadãos. E as homenagens, que lhe foram então prestadas, revestiram as mais carinhosas exteriorisações, principalmente quando em cortejo cívico toda a nação representada pelas classes preponderantes, pelo povo, pelos libertos, desfilara por deante da casa do nobre morto e ia regar com

as suas lagrimas as crepes da viuvez de Mary Todd, a esposa estremecida, acompanhada na sua dôr pela do unico filho Roberto, o digno herdeiro do nome de Lincoln.

Agora mesmo nos Estados Unidos, por occasião de se comemorar o centenario do nascimento de Lincoln, a apoteose foi grandiosa e eloquente. Celebrou-se a festa nacional em toda a parte, na modesta aldeia como na cidade grandiosa. Os *mestres-escolas* releram aos seus discipulos os discursos abolicionistas de Abrahão Lincoln, insuflando-lhes na alma o culto do grande presidente; os parlamentos de muitos estados resolveram inscrever a data celebrada na lista dos dias feriados. Em imensas cidades se reuniram comícios populares, onde a vida e as ideias de Lincoln foram lembradas e enaltecidas. Em Nova York realisaram-se neste empenho 600 comícios! Em Peoria falou o embaixador do Japão. Em Springfield, onde Lincoln foi enterrado, proferiram discursos Brian e os embaixadores da Inglaterra e da França á beira da sua campa. Jusserand, o embaixador da França, associou a sua patria ao centenario, lembrando com que profunda emoção o povo francez soube em 1865 do assassinio de Lincoln e abriu uma subscrição para a cunhagem duma medalha comemorativa, que foi reproduzida em ouro para ser entregue á viuva do grande homem. Era a seguinte a inscrição que levava:

«Dedicada pela Democracia Franceza a Lincoln, o homem de bem que aboliu a escravatura, restabeleceu a União e salvou a Republica, sem que se tivesse de velar a estatua da Liberdade.»

Ao chegar ao termo da tarefa que me impoz esta Academia, benemerita entre as mais benemeritas, eu desejo, senhores, que este exemplo vos fique bem gravado no espirito. Nós constituimos uma pequena nação, mas a dentro dela ha uma força imensuravel. Podemos ser grandes ainda se empregarmos todos os nossos esforços em prol do resturgimento da Patria.

Lembrae-vos de que no Oceano Pacifico existem ilhas de coral que se prolongam por 150 leguas, constituídas pelas segregações de infimos protozoarios. Quantos milhares de annos foram precisos para formar esses monstruosos recifes, contra os quaes nada podem a furia das vagas e dos riuos que se despenham das nuvens caliginosas? O exemplo de Lincoln mostra que nada resiste á vontade, quando ella é servida por um ideal tão nobre

como é o do engrandecimento da Patria. Assim, como os protozorios que produziram os bancos de coral do Pacifico, demos cada um de nós a quota parte do nosso esforço para a obra da redenção da Patria, e teremos compreendido pela satisfação do exemplo, quanta nobreza, quanta grandeza ha na vida e na obra de Lincoln que, nunca é demais dizel-o, ascendeu *de cavador de caxada a Presidente da Republica dos Estados Unidos da America do Norte*.

O pensamento supremo de Lincoln, a sua obra gloriosissima, foi a abolição da escravatura nos Estados Unidos e a unificação da Republica. Que o pensamento de todos nós seja tambem o de nos livrarmos doutra escravidão degradante — a da ignorancia e a da falta de educação cívica e patriótica! Unamo-nos que salvaremos a Patria! Trabalhemos pelo bem estar commum . . .

CARLOS DE MELLO.

BIBLIOGRAFIA

Nesta secção daremos noticia de todas as obras que forem oferecidas á Academia de Estudos Livres.

Cumpriremos assim um dever de gratidão para aqueles que desta associação não se esquecem.

Tambem daremos noticia de todas as obras que nos chegarem ás mãos e tiverem grande interesse pedagogico.

Os bons livros são sempre dos nossos melhores amigos.

CONTOS DA MINHA TERRA

I

Um professor atrapalhado

Ha tempo fez-se um peditório pelas ruas da minha terra, não faltando a abrilhantar o acto a musica da sociedade, que, diga-se de passagem, é das mais afinadas.

O produto obtido, 180 escudos, foi destinado aos pobres.

A comissão promotora, da qual faziam parte as pessoas mais gradas da Villa, era presidida pelo professor primario, que foi escolhido para fazer uma nota mostrando a quantidade de maneiras como o dinheiro poderia ser distribuido, tendo em attenção que os quinhões seriam iguaes, e em numero exacto de escudos por cada contemplado.

Deu tratos á imaginação, o pobre do professor, para se desempenhar de tal incumbencia.

Pensou, repensou e chegou mesmo a não poder conciliar o sono.

Por fim conseguiu, ao cabo de 72 seguidas e interminaveis horas, soltar dos labios, pelas 3 horas da madrugada, acordando toda a familia, um brado de triumpho, que bem traduzia o contentamento de que se achava possuido, por ter finalmente encontrado o tal X tão desejado, pois que de contrario seria um fiasco e deixava de corresponder á opinião que dele formavam.

Na primeira reunião, portanto, apresentou aos seus colegas da comissão, não só a quantidade de modos diferentes como o dinheiro poderia ser distribuido, mas tambem a quantidade de pobres, que, em cada caso, poderiam ser admitidos.

O trabalho do mestre escola foi de tal ordem e teve de fazer tamanho esforço de imaginação, que, de cançadas que tem as suas faculdades, guarda (e assim o exigiu da comissão) tal segredo, que julga por certo estar tratando de algum segredo de Estado.

Não poderá algum leitor ajudar-me a desvendar o impenetravel mysterio?

ANAIS

DA

Academia de Estudos Livres

I	<i>Essaio inicial de leitura</i> , por J. Augusto Coelho	200 réis
II	<i>O maranhense portuguez através da historia</i> , por V. Almeida d'Ega	200 "
III	<i>Da utilidade de pensamento no cyclo das descobertas</i> , por Henrique Lopes de Mendonça	200 "
IV	<i>Uma excursão á serra da Arrubala</i> (esgotado)	100 "
V	<i>O Castello de Pavia</i> (esgotado)	100 "
VI	<i>Excursão no Tejo até ao Canal de Alambujo</i> (2. ^a edição)	100 "
VII	<i>Excursão á Fabrica de Cimento de Portland Artificial «Tejo», em Alhandra</i>	50 "
VIII	<i>Uma excursão a Santarém — Aprovez da cidade — Leodas</i> , por João Arruda	200 "
IX	<i>Tri-centenario da publicação de D. Quichote</i> , por Theophilo Braga	200 "
X	<i>No Bussaco</i> (historia, toponymia, descrições), por Cardoso Gonçalves	200 "
XI	<i>O Archivo da Torre do Tombo</i> , contendo 219 paginas, illustrado com fotografuras dos principaes codices illuminados	800 "
XII	<i>Spanna — Conferencia</i> , por Theophilo Braga	200 "
XIII	<i>O comento de Mafra</i> , por Cardoso Gonçalves	100 "
XIV	<i>O padre Joaquim Silvestre Servão e a musica sacra portugueza</i> , por Theophilo Braga	200 "

A MOCIDADE

FOLHA QUINZENAL

Publicadas 2 series (quasi esgotadas)

Cada serie de 40 numeros	500 réis
Numero avulso	50 "

Quaesquer obras publicadas por esta sociedade são enviadas franco de porte a quem remeter a sua importancia para a Academia de Estudos Livres—Rua da Paz, 7 (r. S. Bento).

Excursões a realizar em 1913

- 1.^a— A **Braga** e a **Vianna do Castello**, na primavera. Em Braga realizar-se-ha, no Parque do Bom Jesus, uma festa escolar em honra dos excursionistas, na qual tomarão parte crianças das escolas daquela cidade e das aulas diurnas da *Academia de Estudos Livres*.
- 2.^a— A **Madrid** e a **Paris**, em setembro, segundo o plano da que a *Academia de Estudos Livres* com tão brilhante exito realizou em 1910.
-

A Direcção está preparando o plano detallado destas excursions, para ser distribuido pelos socios e subscritores.

A Direcção, annuindo aos desejos de lã muito manifestados pelos socios e subscritores, criou um *Fundo de excursions e viagens*, para o qual todos poderão concorrer e que lhes permitirã satisfazerem gradualmente, em prestações maiores ou menores, o custo dos bilhetes das excursions em que queiram tomar parte.